

PEDRO QUARESMA CARDOSO

**PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO PORTUÁRIA EM SANTOS E AS IMPLICAÇÕES
NA SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES: ESTRESSE, USO ABUSIVO DE
SUSTÂNCIAS PSICOATIVAS E VIOLÊNCIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde para obtenção do título de Mestre.

**SANTOS
2012**

PEDRO QUARESMA CARDOSO

**PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO PORTUÁRIA EM SANTOS E AS IMPLICAÇÕES
NA SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES: ESTRESSE, USO ABUSIVO DE
SUSTÂNCIAS PSICOATIVAS E VIOLÊNCIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Profa. Dra. Adriana Marcassa Tucci
Co-orientador: Prof. Dr. Ricardo da Costa Padovani

**SANTOS
2012**

Cardoso, Pedro Quaresma

Processo de modernização portuária em Santos e as implicações na saúde mental dos trabalhadores: estresse, uso abusivo de substâncias psicoativas e violência/ Pedro Quaresma Cardoso –Santos, 2012.

Tese (Mestrado) - Universidade Federal de São Paulo. Campus Baixada Santista. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde.

Título em Inglês: Modernization process in Santos port and the implications for mental health workers: stress, psychoactive substance abuse and violence.

1.Ambiente de trabalho. 2.Estresse Psicológico. 3.Transtornos Relacionados ao Uso de Álcool. 4. Drogas ilícitas. 5. Violência

PEDRO QUARESMA CARDOSO

PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO PORTUÁRIA EM SANTOS E AS IMPLICAÇÕES
NA SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES: ESTRESSE, USO ABUSIVO DE
SUSTÂNCIAS PSICOATIVAS E VIOLÊNCIA

Presidente da Banca: Prof. Dra. Adriana Marcassa Tucci

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Laura Camara Lima

Prof. Dra. Maria de Fátima Ferreira Queiróz

Prof. Dra. Márcia Thereza Couto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO SAÚDE, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Chefe do departamento: Profa. Dra. Rosana Aparecida Rossit

Coordenador da pós-graduação: Prof. Dr. Daniel Araki Ribeiro

DEDICATÓRIA

À **Valessa**. Sem seu apoio e amor incondicional esse trabalho não seria possível.

À **Isabela**. Que foi a escolha mais importante de nossas vidas e, de fato, agora é quem aponta o caminho para nossas próximas escolhas.

AGRADECIMENTOS

À minha **família**.

À minha **mãe** e ao meu **pai** que apoiaram com entusiasmo, serenidade e amor o dia-a-dia e cada momento importante de setembro de 1979 até aqui. À **Dona Lina** pelos conselhos, amor e exemplo de vida.

À **Adriana Tucci** pela orientação, confiança, leveza, sinceridade e amizade.

Ao **Ricardo Padovani** pelo carinho, conselhos, risadas, papel fundamental na orientação e convivência de um irmão.

À **Fátima Queiroz** que acompanhou a trajetória da pesquisa e me levou a campo para conhecer o porto com um olhar especial.

Aos **trabalhadores portuários** que contribuíram com suas histórias de vida e tornaram esse trabalho possível.

À todos **usuários** e seus **familiares**– incluindo os casos na minha família - que algum dia sofreram as consequências do abuso de álcool ou drogas.

À **CAPES-REUNI** pelo apoio financeiro e às secretárias **Milca** e **Vivian** pelo apoio ao atravessarmos os labirintos burocráticos da universidade. À **Sylvia Batista, Nildo**

Batista, Regina Spadari, Daniel Araki e todos que contribuíram com esforço pessoal para a consolidação do curso de pós-graduação na UNIFESP-Baixada Santista.

Por fim aos colegas e aos **amigos** que no dia-a-dia desses últimos dois anos fizeram história sendo a primeira turma de mestrado da UNIFESP-Baixada Santista. Ao que tudo indica continuarão fazendo história como a primeira turma de doutorado da Baixada Santista.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de usuários de risco por substância pelo <i>Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test</i> – ASSIST.....	38
Tabela 2. Desempenho dos trabalhadores entrevistados no Inventário de Sintomas de Stress para Adultos.....	40
Tabela 3. Desempenho dos participantes nas subescalas do STAXI.....	42
Tabela 4. Relatos ilustrativos de percepção dos participantes sobre o efeito esperado do uso de substâncias psicoativas relacionadas ao trabalho.....	65
Tabela 5. Resumo dos principais efeitos esperados pelos TPAs em relação ao uso de substâncias psicoativas relacionadas ao trabalho.....	67
Tabela 6. Relação entre estresse, violência e uso de substâncias.....	73
Tabela 7. Episódios de violência no ambiente familiar.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS

TPA	Trabalhador Portuário Avulso
ISSL	Inventário de Sintomas de Stress para Adultos
STAXI	Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço
CODESP	Companhia Docas de São Paulo
OGMO	Órgão Gestor de Mão-de-obra
CEBRIB	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
VPI	Violência entre Parceiros Íntimos
ASSIST	Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 Parecer do Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo

Anexo 2 Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo 3 Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

Processo de modernização portuária em Santos e as implicações na saúde mental dos trabalhadores: estresse, uso abusivo de substâncias psicotrópicas e violência.

Mudanças expressivas no ambiente de trabalho podem afetar de forma significativa a relação do trabalhador com o seu trabalho. A exigência de novos padrões comportamentais é apontada por estudiosos de análise do comportamento como uma situação com potencial aversivo e que pode favorecer o desencadeamento de respostas emocionais psicopatológicas como quadros de estresse, ansiedade e depressão. Podem ainda favorecer o abuso de substâncias psicoativas e o aparecimento de comportamentos violentos. O objetivo geral do estudo foi analisar as implicações da modernização portuária na saúde mental dos trabalhadores avulsos do Porto de Santos. Os objetivos específicos foram: 1) entender a relação entre estresse e organização do trabalho no Porto de Santos; 2) compreender a relação entre a atual organização do trabalho e o uso de substâncias psicoativas; 3) entender a relação entre estresse e uso de substâncias psicoativas entre os Trabalhadores Portuários Avulsos; 4) compreender a relação entre estresse e violência no ambiente familiar e de trabalho; e 5) entender a relação entre uso de substâncias psicoativas e violência no ambiente familiar e de trabalho. Foram utilizados Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada, *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL)* e *Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI)*. Foram entrevistados 17 TPAs classificados como usuários de risco pelo *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test - ASSIST*. Para as análises das entrevistas semi-estruturadas foram realizadas leitura exaustiva de cada entrevista, estabelecimento de categorias temáticas, organização e análise do material segundo as categorias temáticas e cotejamento dos conteúdos das categorias com a literatura existente sobre a temática e com as referências teóricas que norteiam a pesquisa. Dez participantes apresentaram quadros de estresse. Dez participantes apresentaram índices maiores que a média brasileira nas subescalas do STAXI: raiva para fora, raiva para dentro e expressão de raiva. A partir do discurso dos TPAs concluiu-se que a organização do trabalho parece promover contingências aversivas que favorecem o uso de álcool e outras drogas como estratégias de enfrentamento. Os dados apontaram para o uso extensivo de álcool e drogas entre os TPAs e suas possíveis relações com a organização do trabalho. Pode-se inferir que o processo de modernização portuária, marcado também por mudanças significativas nas relações interpessoais e trabalhistas, favoreceu que contingências aversivas entrassem em operação e que o uso/abuso de álcool e outras drogas se apresentassem como estratégias de enfrentamento. Além de favorecer também o aparecimento de respostas violentas. Espera-se que as reflexões e as questões abertas no presente estudo favoreçam o desenvolvimento de novas pesquisas que venham a contribuir para a melhoria da saúde mental e qualidade de vida dessa população.

SUMÁRIO

Dedicatória.....	VI
Agradecimentos.....	VII
Lista de Tabelas.....	VIII
Lista de Abreviaturas.....	IX
Lista de Anexos.....	X
Resumo.....	XI
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivo geral.....	3
1.2 Objetivos Específicos.....	3
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	4
2.1 Caracterização do Porto de Santos: aspectos históricos.....	4
2.2 Processo de modernização e as implicações na organização do trabalho.....	4
2.2.1 Caracterização do trabalho realizado pelos Trabalhadores Portuários Avulsos.....	10
2.3. Saúde Mental e Trabalho.....	13
2.3.1. Estresse e Trabalho.....	15
2.3.2. Abuso de substâncias e trabalho.....	17
2.3.3 Relação entre dependência de álcool e outras drogas, estresse e violência...22	
2.4. Justificativa.....	27
3. MÉTODO.....	29
3.1. Triagem.....	31
3.2. Participantes.....	32
3.3. Local.....	32
3.4. Considerações Éticas.....	33
3.5. Procedimento.....	33
3.6. Instrumentos utilizados.....	34
3.6.1. Entrevista Semi-Estruturada.....	34
3.6.2. Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL).....	34
3.6.3. Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI).....	35
3.7. Análise dos dados.....	36
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	38
4.1. Descrição dos participantes.....	38
4.2. Análise do desempenho nos inventários: ISSL e STAXI.....	39
4.2.1. Desempenho no Inventário de Sintomas de Stress para Adultos.....	39
4.2.2. Desempenho no inventário de Expressão de Raiva como Estado de Traço.....	41
4.3. Análise das entrevistas semi-estruturadas.....	44

4.3.1. Processo de modernização portuária.....	44
4.3.2. Estresse: cansaço físico e mental relacionado ao trabalho.....	53
4.3.3. Uso de álcool e drogas entre os trabalhadores e suas implicações.....	60
4.3.4. Uso de Risco de substâncias e violência no trabalho e no ambiente doméstico.....	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
Abstract	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

As consequências do ambiente de trabalho na saúde mental do trabalhador têm se apresentado como uma variável de estudo relevante na literatura nacional e internacional (BENDASSOLLI, 2011; PAIVA, 2009; WHO, 2004; SKINNER, 2005; SIDMAN, 1995). Assim como em outros âmbitos do cotidiano, a relação do sujeito com o ambiente de trabalho, incluindo ambiente físico, as relações entre os trabalhadores e as relações empregador-trabalhador produzem consequências positivas e negativas para todas as partes envolvidas.

Mudanças expressivas no ambiente de trabalho, fato marcante com o advento da globalização nas últimas décadas, podem afetar de forma significativa a relação do trabalhador com o seu trabalho (PAIVA, 2009). Em virtude da fluidez comercial mundial tais mudanças ocorrem também na organização dos portos em todo mundo e seus trabalhadores são constantemente desafiados a adaptar-se às novas demandas. Sendo assim, o Porto de Santos, maior porto da América Latina, é constantemente convidado a remodelar suas formas de organização do trabalho.

O processo de modernização portuária, instituído pela Lei de Modernização dos Portos no ano de 1993 (BRASIL, 1993), promoveu novas formas de gestão do trabalho portuário incluindo: intensificação da produtividade e do volume de trabalho, a extinção de algumas funções e exigências de maior qualificação entre os trabalhadores portuários. Considerando que mudanças decorrentes de processos de

reorganização em seus locais de trabalho têm sido associadas a aumento do número de transtornos mentais entre os trabalhadores (SOARES, 2008; CHANLAT, 1996; FONSECA, 2002; LIMA, 1995), pode-se supor que a alteração dessas contingências poderia promover a emergência de conflitos entre os próprios trabalhadores portuários, como também, destes com os patrões.

A exigência de novos padrões comportamentais no mesmo ambiente é também apontada por estudiosos da área de análise do comportamento (ABREU-RODRIGUES & CAMESHI, 2005; HUNZIKER & SAMELO, 2012; SIDMAN, 1995; THOMAZ, 2012) como uma situação com potencial aversivo e que pode favorecer o desencadeamento de respostas emocionais consideradas psicopatológicas, como por exemplo, quadros de estresse, ansiedade, depressão e raiva elevada. Tais situações emocionais podem ainda favorecer o abuso de substâncias psicoativas (HASIN et al., 2007; FILHO & TEIXEIRA, 2011).

A relação entre saúde mental, trabalho, uso de substâncias psicoativas, estresse e violência é complexa, sofrendo influência de diversas variáveis. O presente estudo destaca-se como pioneiro ao aprofundar-se em tais temas com base no discurso dos Trabalhadores Portuários Avulsos (TPAs) do Porto de Santos.

A partir das considerações iniciais foram delineados os objetivos propostos para este estudo, os quais são apresentados a seguir.

1.1 Objetivo geral

- Compreender implicações do contexto atual da organização do trabalho - pós modernização portuária - na saúde mental dos TPAs no Porto de Santos

1.2 Objetivos Específicos

- Entender a relação entre estresse e organização do trabalho no Porto de Santos.
- Compreender a relação entre a atual organização do trabalho e o uso de substâncias psicoativas.
- Entender a relação entre estresse e uso de substâncias psicoativas entre os Trabalhadores Portuários Avulsos.
- Compreender a relação entre estresse e violência no ambiente familiar e de trabalho.
- Entender a relação entre uso de substâncias psicoativas e violência no ambiente familiar e de trabalho.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Caracterização do Porto de Santos: aspectos históricos

O Porto de Santos está localizado na Baixada Santista a cerca de 70 km da capital do estado de São Paulo, o maior aglomerado populacional da América Latina. Atualmente, é considerado o maior porto da América Latina e ocupa cerca de 13 km de cais acostável, abarcando as cidades de Santos, Cubatão e Guarujá. Durante o período colonial brasileiro, principalmente nos ciclos econômicos ligados à extração do pau-brasil, à produção de cana de açúcar e à mineração, período entre os séculos XVI e XVIII, o Porto de Santos teve modesta importância econômica. Com o crescimento da produção de açúcar no interior do estado, o porto passou a ganhar importância. No entanto, o grande crescimento de movimentação esteve ligado à exportação de café que criou a base econômica para o futuro desenvolvimento da região (GONÇALVES & NUNES, 2008).

Por mais de três séculos e meio, o Porto de Santos, embora tivesse crescido, manteve-se em padrões estáveis, com o mínimo de mecanização e muita exigência de trabalho físico. O início da operação da São Paulo Railway em 1867, ligando por via ferroviária a região da Baixada Santista ao planalto, melhorou substancialmente o sistema de transportes. Esse fato estimulou o desenvolvimento de toda a região da Baixada Santista e do Estado de S. Paulo. O porto não parou de se expandir, atravessando todos os ciclos de crescimento econômico do país,

aparecimento e desaparecimento de tipos de carga, até chegar ao período atual de amplo uso dos contêineres. Açúcar, café, laranja, algodão, adubo, carvão, trigo, sucos cítricos, soja, veículos, granéis líquidos diversos, em milhões de quilos, têm feito o cotidiano do porto, que já movimentou mais de 1 (um) bilhão de toneladas de cargas diversas, desde 1892 até hoje. A movimentação do Porto de Santos aumentou de cerca de 76 milhões de toneladas durante todo o ano de 2006 para 94 milhões de toneladas em 2010 (BRASIL, 2011).

Durante a segunda metade do século XIX e início do século XX com a expansão dos portos e ferrovias pelo mundo surge também a política de contratação de mão-de-obra que desembocou na criação de um sistema ocasional de trabalho. Este sistema surgiu historicamente como uma resposta dada pelos empregadores às constantes flutuações de carga e descarga de mercadoria nos portos. Em alguns momentos durante o dia, uma multidão de candidatos se aglomerava nos portões dos portos para conseguir trabalho. Este sistema de contratação era conhecido como *free call* (Inglaterra), *shape up* (Estados Unidos) ou *parede* (Brasil). No Porto de Santos, assim como em outros portos pelo mundo, essa dinâmica proporcionou condições para formação dos sindicatos, os quais mais tarde passaram a controlar a distribuição de trabalho (GITAHY, 1992).

O trabalho dos estivadores desenvolvia-se em uma cultura na qual autonomia, permanência e hierarquia pertenciam a um único sistema de relações, que não era comandado pelas formas produtivas capitalistas dos espaços fabris clássicos (planejamento, operação, controle). Tal condição lhes dava singularidade e vieram a ser

chamados de “empregados sem patrões” (GOMES & JUNQUEIRA, 2008). Nesse sistema, de certa forma, existe a possibilidade de democratização da distribuição do trabalho. Como afirma Gitahy (1992) no caso do Porto de Santos, durante os anos 50, os estivadores triunfaram na criação de um sistema de rodízio geral que levou a uma divisão mais justa do trabalho.

2.2 Processo de modernização e as implicações na organização do trabalho

O processo de modernização portuária no Brasil visou à inserção do país em uma economia globalizada por meio do aumento da produtividade, maior agilidade no embarque e desembarque e diminuição de custos operacionais dos serviços portuários (AGUIAR et al., 2006), evento que se insere nas discussões sobre as transformações no mundo do trabalho. Os mecanismos reguladores desse processo de quebra de monopólio privado foram regulamentados pela Lei de Modernização dos Portos no ano de 1993 (BRASIL, 1993) e desencadearam uma série de mudanças na estrutura, dinâmica e na cultura do trabalho no Porto de Santos (GOMES & JUNQUEIRA, 2008; MACHIN et al., 2009)

A referida Lei instituiu o Conselho de Autoridade Portuária (CAP) com função legislativa sobre o porto, definiu a administração deste como incumbência da Companhia Docas de São Paulo (CODESP) e criou o Órgão Gestor de Mão-de-obra (OGMO), que eliminou o controle da mão-de-obra avulsa portuária pelos Sindicatos dos trabalhadores portuários (AGUIAR et al., 2006; DIÉGUEZ, 2007). Nesse contexto, o

Estado passou a ser o responsável pela infra-estrutura, os terminais foram arrendados às iniciativas privadas, que deveriam investir em equipamentos, manutenção e operação das cargas, ou seja, na superestrutura, no que foi denominado de modelo de porto *landlord* (OLIVEIRA, 2006).

A criação do OGMO acarretou mudanças significativas na organização do trabalho portuário. A mais importante diz respeito ao fim do chamado *closed-shop*, controle do processo de trabalho pelos próprios trabalhadores (SILVA, 2003). Nesse novo contexto, os trabalhadores foram obrigados a abandonar o modelo anterior no qual o sindicato era o responsável pelo recrutamento e distribuição do trabalho de estivagem e desestivagem das mercadorias do navio e o grupo estabelecia o controle sobre o acesso de novos membros ao mercado de trabalho. Essa reserva de mercado garantia o acesso e sindicalização de familiares de estivadores.

Essa situação anterior ao processo de modernização portuária comportou também divisões internas na própria categoria de trabalho de estiva, fazendo surgir uma categoria dentro da outra. Por exemplo, os “bagrinhos”, denominação que foi dada aos trabalhadores da força supletiva da estiva santista por não serem sindicalizados e eram impedidos de entrar no rodízio da escala de trabalho na estiva. A força supletiva só tinha acesso ao trabalho, caso a força efetiva não trabalhasse (SARTI, 1981). A existência desse grupo fortalecia a manutenção do *closed-shop*.

Um fator que merece destaque diz respeito à natureza sazonal e ocasional do trabalho que é permeado por períodos de safras e pelo clima, entre outras

variáveis. Esse fator requer que o trabalhador esteja nas proximidades do cais e permanentemente disponível para o trabalho, o que favoreceu também, no caso santista, a constituição de uma cultura urbana marcada por sólidas redes de comunicação e por verdadeiras “linhagens” de famílias portuárias (DIÉGUEZ, 2007; SILVA, 2003). Assim, o trabalho era realizado por grupos marcados por relações de parentesco ou de afetividade próxima, estabelecendo características bastante específicas a esse setor da economia.

Em estudo relativo às condições de trabalho dos TPAs de Santos (MACHIN et al., 2009) houve referência a dificuldades decorrentes de mudanças na composição das equipes (ternos) tanto por diminuição do número de integrantes quanto por serem compostas por trabalhadores sem o necessário entrosamento que ocorria anteriormente. Mencionaram também que a modernização diminuiu o desgaste físico, mas trouxe considerável desgaste mental no trabalho em razão das condições precárias em que se encontravam muitos navios, máquinas e equipamentos.

O trabalho portuário, em especial dos TPAs, é uma atividade perigosa e insalubre. Nesse sentido, um estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa, realizado no porto do Rio Grande (RS) identificou a existência do risco à saúde e à segurança individual e de colegas TPAs (n=306) por se trabalhar sob efeito de algumas drogas (álcool, maconha, cocaína e crack). O estudo revelou que 93,47% dos TPAs reconheceram que existem riscos à sua saúde no trabalho por trabalharem muito próximos ou no mesmo ambiente com colegas que faziam uso de substâncias psicoativas (SOARES et al., 2008). Assim, além da constante possibilidade de queda de

objetos suspensos, presença de ruídos e exposição a intempéries, surgiu também, de forma significativa, referência à composição das equipes de trabalho (ternos) como fatores importantes para a segurança dos colegas.

Com o processo de modernização e a nova gestão do trabalho portuário, entre outras mudanças, ocorreu a diminuição do número de trabalhadores por equipe - como já referido anteriormente (ternos) - a intensificação da produtividade e volume de trabalho, a extinção de algumas funções em determinadas atividades e exigências de maior qualificação, ou mesmo, da criação de uma nova categoria profissional (multifuncional¹). Mudanças decorrentes de processos de reorganização em seus locais de trabalho têm sido associadas a aumento do número de transtornos mentais entre os trabalhadores (SOARES, 2008; CHANLAT, 1996; FONSECA, 2002; LIMA, 1995;).

Assim, como já citado na introdução do texto, podemos supor que a alteração dessas contingências poderá promover a emergência de conflitos entre os próprios trabalhadores portuários, como também, destes com os patrões. A exigência de novos padrões comportamentais no mesmo ambiente é também apontada (ABREU-RODRIGUES & CAMESHI, 2005; HUNZIKER & SAMELO, 2012; SIDMAN, 1995; THOMAZ, 2012) como uma situação com potencial aversivo e que pode favorecer o desencadeamento de respostas emocionais consideradas psicopatológicas, como por exemplo, quadros de estresse, ansiedade, depressão e raiva elevada. Tais situações

¹Tal mudança prevê o fim das categorias profissionais e a criação do Trabalhador portuário avulso (TPA) vinculado ao OGMO com aptidão para exercer qualquer função portuária.

emocionais podem ainda favorecer o abuso de substâncias psicoativas (HASIN et al., 2007; FILHO & TEIXEIRA, 2011).

2.2.1 Caracterização do trabalho realizado pelos Trabalhadores Portuários Avulsos

O trabalho do TPA, como brevemente descrito acima, caracteriza-se pela prestação de serviços sem vínculo empregatício, em regime de escala de rodízio, sem exclusividade ao operador portuário cuja intermediação se dá obrigatoriamente pelo OGMO (Órgão Gestor de Mão de Obra). Atualmente, o trabalho dos TPAs nos portos brasileiros, incluindo o Porto de Santos, é dividido em sub-funções dentro da grande categoria TPA. De forma resumida, de acordo com a Lei de Modernização dos Portos (BRASIL, 1993), as funções sub-dividem em:

- Estivador: Atividade de movimentação de mercadoria nos conveses ou nos porões das embarcações, incluindo transbordo, arrumação, peação² e despeação, bem como seu carregamento e descarga quando realizada com equipamentos de bordo;
- Capatazia: Atividade de movimentação de mercadoria nas instalações de uso público, compreendendo o recebimento, conferência, transporte interno, abertura de volumes para conferência aduaneira, manipulação, arrumação e entrega, bem como

² Fixação de carga nos porões ou conveses das embarcações, visando evitar sua avaria pelo balanço do mar. A despeação compõe-se pelo desfazimento da peação (GONÇALVES & NUNES, 2008)

carregamento e descarga de embarcações quando efetuadas por aparelhamento portuário;

- Conferente: Trabalhador portuário responsável pela contagem de volumes, anotação de suas características, procedência ou destino, verificação do estado das mercadorias, assistência à pesagem e demais serviços correlatos nas operações de carga e descarga de embarcações;
- Consertador: Trabalhador portuário que desenvolve atividades de reparo de reparações das embalagens de mercadoria nas operações de carregamento e descarga de embarcações, reembalagem, marcação, remarcação, carimbagem, etiquetagem, abertura de volumes para vistoria e posterior recomposição;
- Vigia: Trabalhador portuário responsável pela atividade de fiscalização de entrada e saída de pessoas a bordo das embarcações bem como a movimentação de mercadorias;
- Trabalhador de bloco: trabalhadores portuários que desenvolvem função de limpeza e conservação de embarcações mercantes e de seus tanques, incluindo batimento de ferrugem, pintura, reparos de pequena monta e serviços correlatos.

Para os TPAs, a escalação é o início da rotina de trabalho e uma fase que pode gerar satisfação ou ansiedade, pois pode ou não haver trabalho a ser oferecido para o grupo de TPAs, o que determina se o trabalhador vai ter ou não salário

naquele dia, naquela jornada³. Os grupos de trabalho são diferentes a cada jornada, assim a cada 6 horas têm um padrão diferente, uma função diferente e se encontram trabalhando em um navio diferente. A requisição para este trabalho diversificado se inicia com o pedido de mão de obra do operador portuário para o OGMO.

O sistema de escala em forma de rodízio se constitui por escalação eletrônica ao encargo gerencial do Órgão Gestor de Mão de Obra (OGMO). O órgão definiu 3 paredes (locais de escalação) ao longo do porto nas quais a escalação é realizada nos horários de 6 horas e 45 minutos, 12 horas e 45 minutos e 18 horas e 45 minutos. O turno de trabalho da 01:00h é escalado às 18 horas e 45 minutos. Assim, ainda segundo as conclusões de relatório de pesquisa citado acima:

“O rodízio na escalação de trabalho implementado pelo OGMO parece preservar a antiga escalação realizada pelos sindicatos e denominada “a grande roda”, mas a introdução de forma diferenciada de constituição das turmas, número para novos e para antigos trabalhadores, e a introdução da escalação eletrônica, transforma a escalação “familiar” dos trabalhadores portuários. Segundo relatos dos trabalhadores, hoje estes se encontram na tomada do trabalho compelidos a levar consigo trabalhadores que não entendem o significado, construído historicamente, de ser trabalhador portuário, não observam na maioria das vezes o cuidado necessário com o colega nos momentos de trabalho, tampouco

³ Dinâmica de trabalho identificada a partir da pesquisa anterior ao presente estudo coordenada pela Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira Queiroz e pela Profa. Dra. Rosana Machin na UNIFESP-Baixada Santista com o título de “Processo de Modernização Portuária em Santos: implicações na saúde e no adoecimento dos trabalhadores” - Processo nº 473727/2008 0; Edital MTC/CNPq 14/2008(QUEIROZ & MACHIN, 2011).

percebem o perigo e os riscos à saúde no trabalho que realizam no Porto de Santos” p.45 (QUEIROZ & MACHIN, 2011)

2.3. Saúde Mental e Trabalho

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, o conceito de saúde mental inclui bem-estar subjetivo, auto-eficácia percebida, autonomia, competência e reconhecimento da capacidade do indivíduo em realizar seu potencial intelectual e emocional. Entende-se que é um estado de bem-estar no qual os indivíduos reconhecem suas habilidades, são capazes de lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e frutífera e contribuir para suas comunidades (WHO, 2003).

As dificuldades de verificação da relação entre determinadas formas de trabalho e sofrimento mental levaram ao surgimento de diferentes maneiras de se compreender o problema. Para Selligman-Silva (1995), há três grandes modelos teóricos em saúde mental e trabalho: as teorias sobre estresse, o estudo da psicodinâmica do trabalho e o modelo de desgaste mental. Tittoni (1997) propôs dois modelos: o primeiro se refere ao diagnóstico de sintomas que tem como causa aspectos psicológicos e às situações de trabalho; modelo este que tem forte embasamento na epidemiologia, especialmente como referência metodológica. No segundo, a partir de embasamento proveniente das ciências sociais e da psicanálise, o foco se dá nas experiências e vivências dos trabalhadores em relação ao trabalho e às

situações de adoecimento associadas. Jacques (2003) defendeu a interrelação entre trabalho e o processo saúde/doença mental propondo quatro amplas abordagens: as teorias sobre estresse, a psicodinâmica do trabalho, as abordagens de base epistemológica e/ou diagnóstica e os estudos e pesquisa em subjetividade e trabalho.

Como já citado há um número elevado de transtornos mentais entre trabalhadores que passaram por processos de reorganização em seus locais de trabalho (FONSECA, 2002; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001; LIMA, 1995), como é o caso dos trabalhadores portuários do Porto de Santos. Nesse sentido, Aragão (2002) estudou os efeitos da modernização portuária sobre as condições de trabalho e de saúde dos TPAs no Porto do Rio de Janeiro. O estudo revelou que a principal fonte de sofrimento no porto foi falta de trabalho, afetando a saúde mental com consequências sobre a saúde física do trabalhador e os acidentes de trabalho.

A interação entre os temas trabalho e saúde mental tem sido caracterizada como tema de suma importância para todas as áreas da saúde, seja no âmbito do tratamento, seja no âmbito de planejamento e administração de recursos públicos e privados. Considerando todos os benefícios concedidos pela previdência social do Brasil entre 2008 e 2009, os relativos a transtornos mentais e comportamentais representaram 9,53%. Dentre esses transtornos, os transtornos de humor figuram 48,96%, os transtornos de ansiedade 15,55% e os transtornos relacionados ao uso de álcool e drogas 15,55% (BRASIL, 2011). Transtornos mentais são considerados também a principal causa de absenteísmo por doença em países de alta renda (HARVEY et al., 2009).

2.3.1. Estresse e Trabalho

Ao encontro das afirmações acima, sobretudo em relação às teorias sobre estresse, em condições adversas, incluindo ambientes de trabalho aversivos, o indivíduo passa a agir para manter-se vivo, livrar-se do sofrimento e readquirir equilíbrio físico/emocional (LIPP, 2005). Sob condições aversivas, ações possíveis são fugir ou emitir respostas para cessar a condição de sofrimento físico ou emocional. Quando o estímulo aversivo é conhecido e pode ser previsto, há possibilidade de se evitar o contato com a situação ou vivenciá-la assumindo as consequências físicas e emocionais passivamente (CATANIA, 1999, SIDMAN, 1995; SKINNER 2003). Tais condições são comuns no ambiente de trabalho e podem ser consideradas como fatores estressores. Alguns exemplos são: sobrecarga de trabalho, chefia que dificulta a promoção e continuidade dos serviços ou que controla excessivamente, excesso de auto-cobrança, falta de união entre os funcionários, salário insuficiente para as próprias despesas básicas, lidar com colegas que não cooperam para atingir o término da execução de uma tarefa, falta de planejamento e falta de expectativa de melhoria profissional (LIPP, 2005).

A resposta ao estresse ocorre de maneira aguda e pontual e faz parte do cotidiano dos indivíduos. O estresse está relacionado a uma condição filogenética de sobrevivência caracterizada por meio de alterações neurofisiológicas e comportamentais associadas a um conjunto de respostas de luta e/ou fuga diante de estímulos aversivos (ALMEIDA, 2003). Sendo assim, o estresse é uma reação

adequada a essas ameaças, mas torna-se um estado patológico se há manifestações desproporcionais em intensidade, duração e frequência em que ocorrem (LIPP, 2005).

Selye (apud LIPP, 2000) utilizou o termo estresse, caracterizando-o como uma “Síndrome Geral de Adaptação” (SGA), desencadeado por um evento que exige esforço do indivíduo em termos de adaptação. Tal estressor gera a quebra da homeostase interna do indivíduo, alterando a capacidade do organismo de manter sua constância. Com o intuito de representar o processo de estresse, o autor apresentou um modelo trifásico, constituído por: a) fase de alerta: reação de alerta que prepara o indivíduo para a luta ou a fuga através da ativação de mecanismos homeostáticos; b) fase de resistência: quando o organismo tenta restabelecer o equilíbrio interno através de uma ação reparadora a qual conduz a gasto de energia para esta adaptação; e c) fase de exaustão: caracterizada pela exaustão física e psicológica, já que a adaptabilidade do organismo ou energia adaptativa é finita, momento em que as doenças se manifestam, podendo ser fatais (LIPP & MALAGRIS, 1998). Em estudo desenvolvido por Lipp (2000), a autora propõe uma quarta fase entre a resistência e a exaustão, denominada quase exaustão, que ocorre quando a tensão excede o limite do gerenciável, a resistência física e emocional começam a se quebrar. Há queda de defesas imunológicas e doenças começam a surgir (LIPP, 2000, 2009).

Pacák e Palkovits (2001) definem estresse como um estado de ameaça à homeostase. Postulam também que durante o estresse, uma resposta compensatória adaptativa seria ativada para manter a homeostase. Assim, a ativação de circuitos

neurais específicos seria geneticamente determinada, mas poderia também sofrer influência do meio ambiente com o decorrer do tempo.

Quando observado sob o ponto de vista da organização do trabalho, o estresse, em doses moderadas, pode implicar em acréscimo de motivação e aumento de produtividade. No entanto, quando desproporcional em termos de frequência e intensidade, pode gerar excesso de atrasos e faltas, aumento de licenças médicas, alta rotatividade, acidentes de trabalho, problemas de relacionamento com a chefia e subordinados, queda na produtividade (qualidade e quantidade), falta de originalidade, desempenho irregular e dificuldades interpessoais. Já sob a ótica do empregado, as consequências, entre outras, parecem ser: aumento de depressão, falta de ânimo, falta de envolvimento com o trabalho e organização, excesso de idas ao ambulatório médico e abuso de substâncias psicoativas (LIPP, 2005).

2.3.2. Abuso de substâncias e trabalho

Primeiramente, faz-se necessário delimitar brevemente os conceitos de uso de risco, abuso e dependência de álcool e outras drogas. Segundo os padrões preconizados pelo DSM-IV-TR (APA, 2000), a característica essencial do abuso de álcool ou outras drogas é um padrão mal-adaptativo de uso, manifestado por consequências adversas recorrentes e significativas relacionadas ao uso repetido da substância. Por outro lado, a característica essencial da dependência é a presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos que indicam que o indivíduo continua utilizando a substância apesar de problemas significativos em

relação a ela. Nesse caso, existe um padrão de auto-administração repetida que geralmente resulta em tolerância, abstinência e comportamento compulsivo de consumo da droga.

De acordo com o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test*⁴ (ASSIST) (HENRIQUE et al., 2004), o conceito de uso de risco se caracteriza por um padrão de uso de substâncias que aumenta a chance de consequências nocivas para o usuário ou outras pessoas. Nesse caso, o usuário pode estar sob risco de desenvolver problemas relacionados ao uso de substâncias no futuro. Ainda segundo o ASSIST, o abuso se caracteriza por presença de problemas sociais, físicos ou mentais em decorrência do uso de álcool ou outras drogas. Por fim, dependência se caracteriza por uma variedade de sintomas que podem incluir um forte desejo de usar a droga, falta de controle sobre o uso, uso contínuo apesar dos problemas causados, aumento da tolerância aos efeitos da droga e síndromes de abstinência quando o uso é interrompido ou reduzido.

O uso de substâncias psicoativas tem se mostrado cada vez mais preocupante, sendo que estudos populacionais nacionais têm evidenciado aumento deste uso ao longo dos anos (GALDURÓZ et al., 2003; GALDURÓZ et al., 2005; GALDURÓZ & CARLINI, 2007). Galduróz e Carlini (2007), em pesquisa populacional conduzida no ano de 2001 pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas

⁴ Instrumento padronizado desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde com o objetivo de investigar o padrão de consumo de álcool e outras drogas e ajudar os profissionais a identificar pacientes que possam ter uso de risco, abusivo ou dependência de uma ou mais substâncias (Henrique et al., 2004).

Psicotrópicas (CEBRID), entrevistaram 8.589 pessoas das 107 maiores cidades do Brasil, sendo que o uso na vida de álcool foi relatado por 68,7% das pessoas. Os resultados apontaram que 11,2% dos entrevistados estavam preocupados com o próprio consumo de álcool, 14,5% demonstraram desejo de parar ou reduzir o consumo e 9,4% recorriam ao uso de bebida alcoólica mais frequentemente do que desejavam. As regiões brasileiras com maior incidência de dependência de álcool foram Norte (16.3%) e Nordeste (19.9%). Os autores, ao comparar com estudos desenvolvidos no Chile (83.6%), EUA (81.3%) e Colômbia (35.5%), mostraram que o percentual encontrado no Brasil é maior apenas que o da Colômbia. Fonseca et al. (2010), também do CEBRID, ao realizarem um estudo utilizando a mesma metodologia em 2004, que incluiu 7936 pessoas, demonstraram que houve aumento significativo do uso na vida de drogas psicotrópicas, de 19,4% em 2001 para 22,8% em 2004.

Já com o objetivo de descrever as prevalências de consumo abusivo e dependência de álcool em população adulta (n=1646) de 20 a 59 anos no Estado de São Paulo e suas associações com variáveis demográficas e socioeconômicas, Guimarães (2010) por meio de inquérito domiciliar do tipo transversal identificou a prevalência de consumo abusivo de álcool de 52,9% no sexo masculino e 26,8% no sexo feminino. Quanto à dependência de álcool, a prevalência entre os homens foi de 10,4% e, entre as mulheres, de 2,6%. O consumo abusivo de álcool no sexo masculino apresentou associação inversa à faixa etária e associação direta à escolaridade e ao tabagismo. A dependência de álcool no sexo masculino associou-se a não exercer atividade de trabalho e à baixa escolaridade. Os dados auto-referidos sobre a frequência de consumo de álcool, no sexo masculino, mostraram que 52,4% dos

entrevistados relataram consumir bebida alcoólica em frequência de duas a três vezes por semana ou mais.

Evidenciado também como um problema importante no ambiente de trabalho, tanto do ponto de vista da organização do trabalho como do trabalhador, o uso/abuso de álcool ou outras drogas tem sido abordado como um problema de saúde pública (BRASIL, 2011).

Bortoluzzi et al. (2010), através de estudo observacional e transversal que envolveu 707 indivíduos em cidade do sul do Brasil, mostraram que 45,5% faziam uso regular de álcool (ao menos uma vez no último mês). O perfil desta população caracterizou-se por estar trabalhando, ser jovem e do sexo masculino, ter uma renda acima da média (3,18 salários mínimos)⁵, ter escolaridade superior a oito anos e mostrou-se independente do estado conjugal.

Por outro lado, um estudo realizado por Garretsen et al. (2008) avaliou a evolução da taxa de prevalência do consumo de álcool e do beber se embriagando (*binge drinking*) na Holanda comparando três estudos epidemiológicos realizados pelo Ministério da Saúde holandês em 1997, 2001 e 2004. Os resultados apontaram para uma estabilidade no consumo de álcool no último ano, sendo que a taxa média encontrada entre os homens foi de 90% e, entre as mulheres, de 80%. Em relação ao beber se embriagando (*binge drinking*), a taxa média foi de 20% entre os homens e de 5% entre as mulheres.

⁵Salário mínimo de referência em 30/08/2011: R\$ 545,00

Kim et al. (2008) realizaram um estudo populacional com 9869 chineses de Hong Kong com intuito de examinar a relação entre os fatores sócio-demográficos e padrões de consumo de álcool (beber se embriagando, abuso de álcool e dependência). Eles apontaram que Hong Kong apresentou taxas de prevalência mais baixas quando comparadas às dos Estados Unidos e Europa Ocidental; 60,7% dos homens e 39,3% das mulheres tinham consumido álcool no último ano, em contraste com as taxas relatadas nos EUA (71% dos homens e 61% mulheres), Canadá (82,2% e 73,9%, respectivamente), assim como na Europa Ocidental em países como França, Alemanha e Reino Unido (maior do que 90% entre os homens e maior do que 85% entre as mulheres) (WHO, 2004). Naquele estudo, o consumo pesado de álcool associou-se a ser homem, jovem e estar empregado na indústria.

Hasin et al. (2007) conduziram um estudo populacional entre 2001 e 2002 nos EUA (n=43.093) com o objetivo de levantar a prevalência de abuso de álcool e dependência, assim como as comorbidades psiquiátricas associadas e as possibilidades de tratamento. Constatou-se que 8,5% dos indivíduos apresentaram algum transtorno relacionado ao uso de álcool nos últimos 12 meses (4,7% abuso; 3,8% dependência), enquanto 30,3% o experimentaram ao longo da vida (17,8% abuso; 12,5% dependência). Houve maior prevalência de abuso e dependência de álcool entre homens, brancos, jovens ou indivíduos solteiros, e com baixa renda. Por outro lado, para dependência, as taxas foram mais elevadas entre os mais idosos. Adicionalmente, os autores concluíram que o abuso e dependência de álcool foram altamente prevalentes e incapacitantes naquela população.

Acerca do uso de álcool e outras drogas durante a jornada de trabalho, Soares (2007) realizou estudo exploratório e descritivo no porto localizado no extremo sul do Brasil. O estudo teve como objetivo identificar a realidade do uso de drogas, bem como o motivo para a utilização destas substâncias entre os TPAs (n=306) no ambiente portuário. Neste, 43,14% dos TPAs apontaram que os colegas já trabalharam sob o efeito de drogas, sendo que as mais referidas foram álcool (94,70%) e maconha (77,27%). O motivo apontado com maior frequência para o uso foi dependência (40,15%).

Os desdobramentos relacionados ao abuso/dependência de álcool e/ou outras drogas apresentam-se também quando não há consumo durante ou imediatamente antes do trabalho. Em um estudo realizado com 526 trabalhadores na Noruega, o autor sugeriu que a “ressaca” após o consumo de álcool parece ser o maior problema relacionado a abuso de substâncias nos locais de trabalho noruegueses por resultar em aumento de absenteísmo e ineficiência no trabalho. Além disto, pode-se supor que a ineficiência no trabalho pode acarretar maior número de acidentes. O estudo também revelou que o uso de drogas ilegais foi mais comum que o consumo de álcool antes de trabalhar ou no próprio local de trabalho (GJERDE, 2010).

2.3.3 Relação entre dependência de álcool e outras drogas, estresse e violência

Há diversas teorias sobre a etiologia da dependência de álcool e drogas e, dentro destas, a presença de situações estressantes vividas de maneira repetitiva, passadas ou atuais, tem sido destacada como importante fator de risco para o desenvolvimento de tais transtornos (HASIN et al., 2007; LIPP, 2005; TUCCI, 2005).

Lupien e Lepage (2001) buscaram relacionar as semelhanças entre o subproduto do estresse e o funcionamento do sistema de recompensa. Afirmaram que a liberação excessiva de glicocorticóides, como subproduto do estresse, pode ter como efeito o aumento da neurotransmissão dopaminérgica no sistema de recompensa. Afirmaram ainda que esse fenômeno apresenta semelhança com o funcionamento do sistema de recompensa estimulado por substâncias psicoativas como: álcool, nicotina, cocaína, anfetamina, opiáceos e maconha. Assim, a transição do uso moderado para um uso excessivo ou dependência seria acompanhada por neuroadaptações dos circuitos de recompensa e de estresse no cérebro. Essas alterações produzem mudanças fisiológicas e comportamentais-cognitivas que podem persistir por muito tempo, contribuindo para a perpetuação do comportamento de dependência.

Assim como o estresse tem implicações na gênese dos transtornos do uso de substâncias psicoativas, também tem sido relacionado ao aumento do fator de risco e emergência da violência no ambiente de trabalho e familiar (LIPP, 2005; MARTINO, 2003; MUSAYON e CAUFIELD, 2005). As características do ambiente dos trabalhadores portuários, somadas aos valores sócio-culturais e pessoais podem favorecer certas condições propícias à manifestação de comportamentos violentos, tanto no próprio ambiente de trabalho como no ambiente familiar e social.

Nessa direção, Silva (2003) mostrou que valores compartilhados pelos estivadores, como de valentia e orgulho, repertório comum num trabalho caracterizado por força física e honra (baseadas na legitimidade do uso da força), possivelmente tornariam mais tênue a linha que separa a violência da não-violência. E ainda acrescentou que, a própria identidade de portuário foi construída tendo por referência um forte senso de masculinidade, sendo a coragem um importante valor moral nas relações sociais. Esse comportamento de exigir virilidade e força pode implicar no desenvolvimento de posturas de desafio em um cotidiano de trabalho, excedendo, muitas vezes, limites físicos e mentais em algumas práticas nas atividades profissionais (BOURGUIGNON & BORGES, 2006). Pode-se, ainda, supor que em tais condições o uso da violência torna-se um comportamento aceitável, uma vez que sua emissão está relacionada ao emprego da força física e da relação desigual de poder.

Assim como há estudos mostrando existir relação entre a presença de estresse e uso abusivo de substância, há também na literatura, estudos que evidenciaram a relação entre o uso abusivo de substâncias e violência (OLIVEIRA et al., 2009). No entanto, como ressaltam Minayo e Deslandes (1998), o papel desencadeador específico não está claro, além de ser mediado por diversas variáveis de difícil inter-relação causal como: (a) o nexos causal entre essas substâncias e atos violentos; (b) o *status* legal das drogas e as complicações envolvendo tráfico e leis que o reprimem; (c) as influências do meio e as características individuais dos usuários de drogas e álcool; (d) a prevalência e as correlações precisas entre violência e uso dessas substâncias.

Chalub e Telles (2006) realizaram revisão da literatura e concluíram que diversas pesquisas coincidem na afirmação de existir associação entre uso de drogas psicoativas e criminalidade. Afirmando, ainda que, é possível constatar a alta proporção de ocorrência de atos violentos quando o álcool ou as drogas ilícitas estão presentes entre agressores, suas vítimas ou em ambos. Estar intoxicado e envolver-se em comportamentos violentos foi observado também em outros estudos, os quais mostraram que a intoxicação alcoólica aumenta o risco de envolvimento em atos agressivos, seja como vítima, seja como agressor (LIPSKY et al., 2005 apud OLIVEIRA, 2009). Sendo assim, é relevante considerar que atos violentos podem ocorrer tanto em ambientes públicos e de trabalho, por exemplo, envolvendo colegas de trabalho, como em ambientes privados envolvendo relações de ordem íntima.

Nesse sentido de investigação, alguns autores realizaram estudos que relacionaram consumo de álcool e violência entre parceiros íntimos (VPI). Zaleski et al. (2010) em estudo transversal com amostra representativa da população brasileira de homens e mulheres casados ou vivendo em união estável (N=1.445) constataram que aproximadamente quatro em cada dez homens e uma em cada dez mulheres relataram a ingestão de álcool durante a VPI. Quase a metade das mulheres e um terço dos homens relataram que o(a) parceiro(a) bebeu durante o episódio da VPI.

Na mesma direção, Oliveira et al. (2009) realizaram estudo epidemiológico com amostra representativa dos níveis socioeconômicos e educacionais do Município de São Paulo (N=1.631) no qual 5,4% afirmaram ter sido vítimas de violência física por parceiro e 5,4% ter sido agressores dos parceiros nos últimos 2

anos. Predominou entre os homens o relato de que, na ocasião da agressão, ninguém havia bebido e, entre as mulheres, de que ninguém ou apenas o homem o havia feito. Ser vítima, assim como ser agressor, associou-se a ser mais jovem e ter um parceiro com consumo pesado de álcool⁶. Neste mesmo estudo, a análise de regressão logística revelou que ter parceiro com consumo pesado de álcool foi um fator de risco para ser vítima, enquanto que para ser agressor os fatores de risco foram: ser jovem e ter um parceiro com consumo pesado de álcool. Nota-se que, ter um parceiro com consumo pesado de álcool foi fator de risco tanto para vítima como para agressor, portanto a presença de consumo pesado de álcool aumentou significativamente as chances de VPI.

Estudo multicêntrico que envolveu nove países nas Américas (Argentina, Belize, Brasil, Canadá, Costa Rica, Estados Unidos, Uruguai, México, Nicarágua e Peru) também apontou para uma relação entre consumo pesado de álcool e presença de maior risco de agressão entre parceiros. No entanto, o estudo sugeriu que o consumo de álcool, por si só, não aumenta o risco de agressão, o que aumentaria esse risco é padrão de beber doses altas de álcool em uma única ocasião (GRAHAM et al. 2008). Adicionalmente, o estudo ressaltou que a relação entre consumo pesado de álcool e agressão ao parceiro íntimo foi evidente nos diversos países, apesar de ter ocorrido variações nos padrões de consumo, proporção de bebedores pesados e diferenças entre gênero nos padrões de consumo nos diferentes países. A importância da quantidade de álcool consumida em cada ocasião (versus frequência de consumo de

⁶ No referido estudo foi considerado parceiro com consumo pesado aquele que ingeria cinco ou mais drinques por ocasião.

bebida) é consistente com estudos anteriores e sugere que a quantidade de álcool consumida por ocasião é mais importante do que beber com frequência para a previsão de agressão ao parceiro íntimo (WELLS, GRAHAM & WEST, 2000 apud GRAHAM et al. 2008).

2.4. Justificativa

Como mostrado nos tópicos anteriores, a relação entre saúde mental, trabalho, uso de substâncias psicoativas, estresse e violência é complexa sofrendo influência de diversas variáveis. Somando-se aos dados da literatura mencionados acima, ressalta-se um projeto já finalizado e no qual foram entrevistados 453 TPAs das diversas categorias profissionais (Estiva, Capatazia, Conferentes, Vigias Portuários, Consertadores de Carga e Trabalhadores do Bloco) no Porto de Santos que mostraram que esses trabalhadores têm percepção da existência de conflitos que foram gerados a partir da implantação da lei, sendo que 62,4% dos entrevistados referiram existir conflito de mando entre o OGMO e sindicatos da categoria e na mesma proporção, 60,0% relataram a existência de conflitos entre os TPAs e representantes das empresas privadas presentes no local de trabalho. As mudanças na organização do trabalho somadas às próprias características do trabalho portuário, geraram nos trabalhadores a percepção de um ambiente permeado por situações de tensão e insegurança em relação aos fatores determinantes de agravos à saúde (74,4% relataram viver frequentemente situações de tensões no trabalho e 74,8% não se sentem seguros em questões relativas à saúde). Somando-se a esses dados, a frequência relatada de uso de álcool e outras drogas ao longo da vida foi significativamente maior do que as

relatadas na população geral nos estudos epidemiológicos nacionais. Dados da população geral mostraram que o uso na vida de tabaco, álcool, maconha e crack/cocaína foram respectivamente de 44%; 74,6%; 8,8% e 3,6% (CARLINI et al. 2007), enquanto entre os TPAs foram de: 66,1%; 89,4%; 36% e 22,4%, respectivamente. Estes dados nos alertaram para uma situação bastante preocupante e que necessita ser melhor compreendida a partir do olhar do trabalhador e da organização do trabalho a que estes vêm sendo submetidos.

Dado o exposto, fica evidente a complexidade da relação entre o ambiente do trabalhador avulso do Porto de Santos e a presença de estresse, uso de álcool e outras drogas. Por outro lado, a literatura tem também mostrado que há uma complexidade na relação entre todos estes fatores e violência. Nessa linha de argumentação, levantam-se as seguintes questões que o presente estudo pretende responder: como se dá a relação entre estresse e organização do trabalho a partir da modernização do Porto de Santos? Qual a relação entre a atual organização do trabalho e o uso de substâncias psicoativas entre os TPAs? Qual a relação entre estresse e uso de substâncias psicoativas entre os TPAs? Qual a relação entre o uso de substâncias psicoativas e violência no ambiente familiar e de trabalho? Buscando responder a tais questões, o presente estudo buscou investigar as implicações da modernização portuária na saúde mental dos trabalhadores, dando ênfase para as relações entre estresse, organização do trabalho, uso de substâncias psicoativas e violência.

3. MÉTODO

Esse estudo optou por uma metodologia qualitativa para responder às questões anteriormente levantadas.

A pesquisa qualitativa, em sua leitura da realidade, aproxima-se de dados como valores, crenças e significado das ações. É muito utilizada entre outros por pesquisadores das ciências sociais, antropologia, saúde coletiva e psicologia. Como afirma Turato (2005), o método qualitativo busca entre seus temas comuns ocorrências específicas em *settings* particulares. Nele, o pesquisador e seus sentidos se apresentam como instrumento de pesquisa por meio de, entre outras técnicas, observação livre e entrevistas semi-dirigidas. Assim, na maior parte das vezes, lança mão da busca intencional de participantes que vivenciem o problema em foco ou de indivíduos que tenham conhecimento sobre ele. O autor afirma ainda que a abordagem qualitativa tem como objetivo a interpretação das relações de significado do fenômeno, sendo que no tratamento e análise dos dados é comum o uso da técnica de análise de conteúdo (dentre outras) realizada pelo pesquisador.

No entanto, esse estudo também se utilizou de instrumentos quantitativos para melhor compreensão do fenômeno que se propôs a estudar. As metodologias quantitativa e qualitativa dialogam e podem ser utilizadas dentro de um mesmo estudo. Assim, considerando as diferenças e as possibilidades de aproximação entre as abordagens, como afirma Minayo (1993):

“do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra... uma pesquisa, por ser quantitativa, não se torna “objetiva” e “melhor”, ainda que se prenda à manipulação sofisticada de instrumentos de análise, caso deforme... ...aspectos importantes dos fenômenos ou processos sociais estudados. Da mesma forma, uma abordagem qualitativa em si não garante a compreensão em profundidade.”

No entanto, ainda como afirma a autora:

“A relação entre quantitativo e qualitativo não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.”

Assim, de acordo com a possível complementaridade das abordagens qualitativas e quantitativas, optou-se primordialmente pela metodologia de natureza qualitativa apoiada por dois instrumentos de medidas quantitativas para maior compreensão do problema investigado. O resultado buscado foi o de maximizar o alcance e minimizar a limitação de cada uma das técnicas empregadas na produção de dados (GUNTHER, 2006).

Dessa forma, a abordagem qualitativa visou uma aproximação do problema investigado por meio de análise dos relatos obtidos durante as entrevistas, aprofundamento da compreensão dos padrões de comportamento, crenças e valores relativos ao consumo de álcool e drogas entre os TPAs do Porto de Santos, bem como sua relação com a organização do trabalho, estresse e violência (social, doméstica e no ambiente de trabalho). Assim, foram buscadas as explicações fornecidas pelos próprios trabalhadores sobre o consumo de álcool e outras drogas, organização do trabalho, estresse e violência.

3.1. **Triagem**

Em estudo anterior, através de metodologia quantitativa, foi verificada a frequência do consumo de substâncias psicoativas entre os TPAs (SANTOS et al., 2011). O estudo observou que dentre os 453 TPAs entrevistados, 105 eram usuários de risco para pelo menos uma substância (álcool, maconha, cocaína, crack, estimulantes, inalantes, hipnóticos, sedativos, alucinógenos e/ou opiáceos) a partir das respostas ao questionário *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* (ASSIST) (HENRIQUE et al., 2004).

Foi realizada tentativa de contato telefônico com todos os 105 usuários de risco, sendo que 40 foram localizados e 17 aceitaram participar do estudo. O critério de inclusão dos participantes foi: trabalhar como TPA no mínimo há 10 anos e caracterizar-se como usuário de risco para pelo menos uma substância psicoativa pelos critérios estabelecidos pelo ASSIST (HENRIQUE et al., 2004).

3.2. Participantes

Foram entrevistados 17 TPAs que pertenciam às categorias profissionais: estivador (n=11), trabalhador da capatazia (n=3), conferente (n=2) e vigilante de embarcação (n=1). A renda mensal dos participantes variou de 1 a 9 salários mínimos. Nove participantes se declararam casados, 2 vivendo em regime de união estável, 4 solteiros e 2 divorciados. No que se refere à escolaridade, um participante possuía Ensino Fundamental Incompleto, 4 Ensino Fundamental Completo, 8 Ensino Médio Completo, 3 Superior Completo e 1 com o título de Mestre.

No que se refere ao uso de substâncias psicoativas, de acordo com o ASSIST (HENRIQUE et al., 2004), foram identificados como usuários de risco 13 participantes para Álcool, 5 para Maconha, 3 para Cocaína/Crack, 2 para Hipnóticos/Sedativos, 1 para Inalantes e 1 para Anfetaminas/Extasy. Deve-se ressaltar que um único participante pode ter atingido pontuação pelo ASSIST referente a usuário de risco para mais de uma substância. Os dados apresentados indicaram o uso de risco de álcool com maior frequência (13 participantes), seguido da maconha (5 participantes) e de cocaína/crack (3 participantes).

3.3. Local

As entrevistas foram realizadas nas dependências da UNIFESP-Baixada Santista e em uma clínica particular em salas onde o sigilo e os cuidados éticos estivessem garantidos.

3.4. Considerações Éticas

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo (Parecer nº. 1268/10) (ANEXO1). A participação na pesquisa foi voluntária e realizada apenas quando o participante, ao ser informado sobre os propósitos e cuidados éticos envolvidos na pesquisa, concordou em participar espontaneamente, sendo sua participação formalizada pela leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO 2).

3.5. Procedimento

Após a identificação dos TPAs que preenchiam os critérios de uso de risco de substâncias psicoativas, foi feito contato telefônico para agendamento de um encontro no qual o pesquisador informou sobre os propósitos e cuidados éticos da pesquisa, a contribuição de sua participação, a duração média da entrevista, bem como a possibilidade de publicação dos resultados em comunidades científicas, sendo reafirmado o sigilo da imagem e identidade do participante. Após concordar, em participar o trabalhador assinou o TCLE o qual formalizou sua participação. O participante recebeu uma via do TCLE e o pesquisador a outra. Ressaltou-se ainda que o participante poderia desistir em qualquer parte da pesquisa sem qualquer prejuízo decorrente dessa opção. Todas as entrevistas foram gravadas.

A coleta de dados foi realizada em uma única sessão para cada participante com tempo médio de 60 minutos. Os instrumentos foram aplicados na seguinte ordem: Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada (ANEXO 3), *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL)*, (LIPP, 2000) e *Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI)*(SPIELBERGUER, 1992).

3.6. Instrumentos utilizados

3.6.1. Entrevista Semi-Estruturada

As entrevistas foram norteadas por um roteiro semi-estruturado (ANEXO 3). O roteiro consistiu de questões sobre: 1) presença de estresse e sua relação com a organização do trabalho; 2) consumo de álcool e outras drogas e sua relação com a atual organização do trabalho; 3) estresse enquanto fator de risco para o consumo de álcool e outras drogas; 4) relação entre o consumo de álcool e outras drogas e violência no ambiente familiar e de trabalho e 5) relação entre estresse e violência no ambiente familiar e de trabalho. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas.

3.6.2. Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL)

O *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL)*, (LIPP, 2000) foi utilizado para avaliar os sintomas de estresse. Tal instrumento se propõe a avaliar se o indivíduo possui sintomas de estresse, o tipo de sintoma (físico e/ou psicológico) e,

baseado no modelo quadrifásico de stress (fase de alerta, fase de resistência, fase de quase-exaustão e fase de exaustão), busca identificar em qual fase o indivíduo se encontra. Esse instrumento pode ser aplicado em adultos e jovens com mais de 15 anos de idade. O ISSL é composto por 37 itens de natureza somática e 19 de natureza psicológica. Esses itens são organizados em três quadros: o primeiro quadro avalia a fase de alerta e inclui doze sintomas físicos e três psicológicos. O participante marca os sintomas físicos ou psicológicos que experimentou nas últimas 24 horas. O segundo quadro é composto de dez sintomas físicos e cinco psicológicos e o participante marca os sintomas que experimentou na última semana. Já a fase de quase-exaustão é diagnosticada com base em uma frequência maior de sintomas listados no quadro 2 do inventário. Por fim, o terceiro quadro avalia a fase de exaustão, apresenta 12 sintomas físicos e 11 psicológicos e o participante marca aqueles que experimentou no último mês.

3.6.3. Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI)

Com o objetivo de medir a expressão de raiva como estado e traço foi utilizado o STAXI (SPIELBERGUER, 1992). Instrumento traduzido e adaptado para o português por Biaggio (2003) que mede estado, traço, temperamento, reação, raiva para dentro, raiva para fora, controle da raiva e expressão de raiva. Estado de raiva se refere a um estado transitório de raiva, no momento de aplicação do teste; o traço de raiva se caracteriza como traço estável de raiva crônica; o temperamento raivoso é uma subescala da escala de traço, indicando tendência crônica a sentir raiva; a reação de raiva é também uma subescala de traço, indicando tendência a reagir com raiva em

situações de ameaça ao ego e à auto-estima. As quatro escalas seguintes indicam a direção da raiva: raiva para fora que se caracteriza pela tendência a agredir outros ou o ambiente; a raiva para dentro como tendência inconsciente a culpar-se a si próprio, podendo levar à depressão; controle da raiva relativo à tendência consciente a controlar a raiva, suprimi-la; e expressão de raiva que se constitui medida global de raiva, levando em conta as três escalas anteriores. Fornece um índice geral sobre a frequência com que a raiva é expressa.

3.7. Análise dos dados

Os dados oriundos dos instrumentos quantitativos foram analisados com base nos seus manuais. Para a análise das entrevistas semi-estruturadas foi realizada leitura flutuante do material coletado nas entrevistas, buscando os sentidos tanto no discurso manifesto, quanto no latente, que a pesquisa procurou investigar. As entrevistas gravadas e transcritas foram analisadas a partir da identificação de temas específicos, considerados relevantes à compreensão dos significados do objeto estudado (MINAYO, 1992). Para tanto, ainda seguindo os pressupostos da autora, foi realizada ordenação dos dados e organização dos relatos para possibilitar mapeamento por meio de leitura do material transcrito.

As análises foram realizadas considerando os seguintes procedimentos: leitura exaustiva de cada entrevista; estabelecimento de categorias temáticas; organização e análise do material, segundo as categorias temáticas e cotejamento dos conteúdos das categorias com a literatura e referências teóricas existentes sobre a

temática que nortearam a pesquisa. A classificação dos dados foi composta por categorias temáticas específicas determinadas antes da coleta de dados e também por meio de categorias relevantes formuladas a partir da coleta de dados e durante a análise dos dados.

Abaixo apresentamos as categorias temáticas e as respectivas subcategorias utilizadas como norteadoras da organização e análise do conteúdo das entrevistas semi-estruturadas:

- 1) Processo de modernização portuária:
 - 1a) antes
 - 1b) depois

- 2) Estresse: cansaço físico e mental relacionado ao trabalho:
 - 2a: Uso de Substâncias no trabalho;

- 3) Uso de álcool e drogas entre os trabalhadores e suas implicações
 - 3a: Efeito esperado das drogas sobre o desempenho;
 - 3b: Risco de trabalho com colega sob efeito de substâncias;

- 4) Uso de Risco de substâncias e violência no trabalho e no ambiente doméstico:
 - 4a: Agressão verbal ou física no ambiente trabalho;
 - 4b: Agressões verbais e agressões físicas no ambiente doméstico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Descrição dos participantes

A Tabela 1 descreve o número de usuários de risco por substância psicoativa segundo o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test - ASSIST* (HENRIQUE et al., 2004). Deve-se ressaltar que um único participante pode ter atingido pontuação referente a usuário de risco para mais de uma substância.

Tabela 1. Número de usuários de risco por substância pelo *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test - ASSIST* (HENRIQUE et al., 2004).

<i>Substância</i>	<i>Número de usuários de risco por substância</i>
Álcool	13
Maconha	5
Cocaína/Crack	3
Hipnóticos/Sedativos	2
Inalantes	1
Anfetaminas/Extasy	1

Os participantes deste estudo apresentaram maior frequência de uso de álcool, corroborando os achados de Carlini et al. (2007) no levantamento nacional realizado pelo Centro Brasileiro Informação Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID),

assim como no estudo de Soares et al. (2007), que avaliaram o risco do uso de drogas no trabalho portuário no extremo sul do Brasil.

A literatura brasileira tem apontado como hipóteses para a predominância de uso de álcool na população: o baixo custo, a propaganda e o fato de ser uma droga lícita (ZALESKI et al. 2010). Silveira et al. (2008) destacam que políticas de controle deficitárias como baixa fiscalização e legislação específica escassa podem também favorecer o uso abusivo. Quanto ao uso da maconha, estudiosos argumentam que a grande utilização desta substância está ligada à facilidade de acesso, ao cultivo em território nacional, bem como em outros países da América do Sul (SILVA & YONAMINE, 2004). O uso de álcool e maconha entre trabalhadores portuários como estratégia compensatória para manejo do estresse e diminuição da fadiga foi apontado pelos trabalhadores no estudo de Soares et al. (2007). Os autores alertaram ainda para o uso de cocaína e crack entre os trabalhadores portuários, apesar da menor frequência e descreveram os motivos para o uso de drogas, tais como: busca por prazer, diminuir a fadiga, ter coragem de realizar o trabalho, entre outros.

4.2. Análise do desempenho nos inventários: ISSL e STAXI

4.2.1. Desempenho no Inventário de Sintomas de Stress para Adultos

A Tabela 2 apresenta o desempenho dos participantes no Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL) (LIPP, 2000).

Tabela 2. Desempenho dos trabalhadores entrevistados no Inventário de Sintomas de Stress para Adultos

<i>Fase de estresse</i>	Número de participantes por fase
Alerta	1
Resistência	7
Quase-Exaustão	2
Exaustão	0
<i>TOTAL</i>	<i>10</i>

Os dados da Tabela 2 mostram que dez participantes apresentaram estresse. Houve predomínio na fase de resistência. A predominância de estresse na fase de resistência foi observada em outros estudos. Dentre eles destacamos os trabalhos de: Almondes e Araújo (2009) em avaliação de trabalhadores de diferentes turnos; Costa (2007) através de estudo com policiais militares na cidade de Natal, Brasil; e de Santos e Cardoso (2010) em estudo com profissionais de saúde mental de uma cidade no interior do Estado de São Paulo. É importante afirmar que não foram encontrados estudos relacionando estresse especificamente ao trabalho portuário. No entanto, apesar de não se tratar da mesma população da amostra, tal achado evidencia que há consistência dos dados do nosso estudo com outros estudos realizados com outras populações.

Adicionalmente, estudo que avaliou entre outras variáveis, os níveis de estresse profissional e estressores relacionados ao trabalho entre oficiais de polícia *seniors* brasileiros (N=418) revelou que estes profissionais percebem a profissão como algo muito estressante; sendo que 43% apresentaram sintomas significativos de estresse (alerta 3,0%; resistência 35%; quase-exaustão 4% e exaustão 1%). Os dados do estudo mostraram haver relação entre estresse e baixa qualidade de vida e descreveu que parte dos participantes (7%) fazia uso de substâncias psicoativas como estratégia de enfrentamento do estresse (LIPP, 2009). Entendemos que a população estudada pela autora apresenta semelhanças importantes com o presente estudo, como níveis de estresse elevados, conflitos entre os trabalhadores, presença de uso de substâncias como estratégia de enfrentamento e, possivelmente, ambiente sujeito a níveis de raiva elevados - dado este que não foi avaliado por Lipp (2009).

4.2.2. Desempenho no inventário de Expressão de Raiva como Estado de Traço

A Tabela 3 apresenta os participantes que apresentaram Raiva para dentro, raiva para fora e/ou expressão de raiva acima da média brasileira (BIAGGIO, 2003).

Tabela 3. Desempenho dos participantes nas subescalas do STAXI.

<i>Escalas</i>	Total de participantes
<i>Raiva para dentro</i>	9
<i>Raiva para fora</i>	10
<i>Expressão de raiva</i>	10

De acordo com os dados apresentados na Tabela 3, nove participantes apresentaram escores de raiva para dentro acima da média brasileira segundo validação do instrumento realizada por Biaggio (2003). De acordo com Spielberguer (1992), pessoas com altos escores de raiva para dentro frequentemente experienciam intensos sentimentos de raiva, mas tendem a reprimir em vez de expressa-los tanto no comportamento físico como no verbal. Porém, deve-se salientar que indivíduos com altos escores nessa escala também talvez tenham altos escores na escala raiva para fora. Em tais casos eles podem expressar raiva em algumas situações e reprimi-las em outras.

Como exposto na Tabela 3, dentre os participantes, dez apresentaram raiva para fora acima da média brasileira (BIAGGIO, 2003). Assim, de acordo com os achados de Spielberguer (1992), pessoas com escores altos em raiva para fora frequentemente experienciam raiva que expressam em comportamentos agressivos dirigidos a outras pessoas ou objetos no meio. Essa raiva para dentro pode ser expressada por meio de atos físicos, como agredir uma pessoa ou bater portas, ou

talvez, seja expressada de forma verbal, em forma de críticas, sarcasmos, insultos, ameaças e uso extremo de palavras.

Dentre os participantes do presente estudo dez apresentaram escores acima da média brasileira (BIAGGIO, 2003) para expressão de raiva. Altos escores de expressão de raiva relacionam-se a experiências intensas de sentimentos de raiva, que podem ser reprimidos, expressos em comportamentos agressivos ou então em ambos. Tais indivíduos são inclinados a ter extrema dificuldade em relações interpessoais e também correm risco de desenvolver transtornos de ordem clínica (SPIELBERGUER, 1992).

As relações de raiva com episódios de agressividade e de maior consumo de substâncias psicoativas têm sido observadas em outros estudos (VINSON, 2006; SCHEFFER et al., 2009). Vinson (2006), em estudo realizado em três unidades de pronto atendimento, avaliou raiva de pacientes (2117) que procuraram tratamentos para ferimentos graves no pronto atendimento hospitalar. Os pacientes foram solicitados a dar autorelato de raiva por escala *likert* imediatamente antes do evento causador do ferimento e 24h antes do ferimento ocorrer. Nos resultados, a raiva não foi associada com quedas ou acidentes de trânsito, mas foi fortemente associada com lesões intencionais como risco de ser ferido ou causar ferimentos. O estudo realizado por Scheffer et al. (2009) comparou homens dependentes químicos (conforme critérios do DSM-IV-TR) com grupo controle de voluntários homens não usuários de drogas e encontrou maiores índices de raiva para dentro, raiva para fora e expressão de raiva entre usuários de cocaína/crack e álcool quando comparados com grupo controle.

Adicionalmente, Qureshi et al. (2010) apontou significativo aumento na pontuação do STAXI para médicos que realizavam jornadas de trabalho longas (24 horas) em comparação com aqueles com jornadas inferiores (6 horas). Os autores encontraram ainda aumento de risco de acidentes e erros durante consultas e procedimentos médicos em decorrência da diminuição das habilidades cognitivas e comportamentais geradas pelo desgaste físico e mental na longa jornada. Esse dado merece destaque já que apresenta semelhança aos referidos pelos TPAs no que diz respeito às frequentes dobras de turno que podem acumular até 18 horas de trabalho ininterruptas (QUEIROZ & MACHIN, 2011) e às habilidades requeridas para a realização do trabalho tais como: tomada rápida de decisões, necessidade de troca de informações precisas com os colegas e manipulação de máquinas que exigem trabalho de precisão.

4.3. Análise das entrevistas semi-estruturadas

4.3.1. Processo de modernização portuária

Ao serem questionados sobre o período anterior à modernização portuária, os participantes relataram que havia mais respeito pelas atividades por eles desenvolvidas e um sentimento de maior autonomia no trabalho. Nessa direção, afirmaram que o trabalhador tinha mais domínio sobre o processo de trabalho, incluindo a distribuição e planejamento no embarque e desembarque de mercadorias. Relataram, ainda, que a remuneração era suficiente para que pudessem optar por deixar de trabalhar por alguns dias durante o mês, possibilitando maior tempo para descansar e

convívio com a família. Assim, ressalta-se que, no passado a condição dos trabalhadores avulsos assegurava-lhes o controle sobre o mercado de trabalho, reforçava o sentimento de pertencimento em relação à administração portuária, moldava suas ações no enfrentamento das contingências do trabalho cotidiano e estruturava as formas simbólicas que orientavam suas percepções sobre sua existência (GOMES & JUNQUEIRA, 2008). Os relatos abaixo ilustram tais situações:

“Não precisava você correr e trabalhar muito podia escolher algumas coisas, ir embora, descansar.” (P6)

“Hoje em dia você já não tem mais tempo para o convívio familiar, você não tem nem tempo e nem dinheiro pra fazer uma atividade com a sua família.” (P3)

Os trabalhadores portuários tinham mais autonomia, mais especificamente a categoria dos conferentes, valorizada por sua participação na “*gerencia global do navio*” (P2), participava do planejamento estratégico do processo de carga e descarga e por isso a função de conferente era respeitada e valorizada pelos pares no trabalho. Os trabalhadores referiram que no período anterior à modernização detinham parte do controle do trabalho e percepção de poder de escolha de realização ou não do trabalho. Tais elementos culturais davam significado à existência da profissão – que ganhava sentido na passagem do conhecimento de pai para filho e na exclusividade do ofício – e eram a expressão da própria vivência estivadora pelo

sentido de autonomia, controle da organização, pertencimento e hierarquia consentida ao sindicato (GOMES & JUNQUEIRA, 2008).

“...tinha que ser polivalente. Ter 1, 2 ou 3 navios dentro da cabeça, não era pra qualquer um...” (P2)

Ainda no período anterior à lei de modernização portuária, os participantes descreveram que a organização e estrutura física precárias possivelmente favoreciam a ocorrência de acidentes de trabalho e de conflitos entre os trabalhadores. Houve relatos sobre maior frequência de uso de substâncias psicoativas no período anterior à modernização do porto, principalmente de álcool, entre os trabalhadores. Havia presença de mais agressividade justificada pelos trabalhadores como artifício necessário para manter a organização do trabalho num ambiente sem relações hierárquicas bem definidas.

“...antigamente, estivador era sinal de violência. Todo estivador andava armado ou era com faca ou era com arma de fogo e se você falasse um palavrão pra mim, você tomava um tiro e acabou.” (P3)

“...bagunça total...”; “Trabalho na base da ignorância”; “Todo mundo mandava”; “todo mundo era patrão.” (P5)

“A escala de trabalho antes era no grito, você só levava quem conhecia.” (P8)

“Era muito bagunçado no porto”; “Quando eu entrei no porto, eu estranhei muito isso, qualquer pessoa entrava no porto, os trabalhadores, muitos, iam trabalhar drogados, alcoolizados.” (P14)

Sobre o período após a Lei nº 8.630/93, os trabalhadores relacionaram a modernização do porto a aspectos como: maior organização, disciplina e seriedade no trabalho. Tais avanços foram também referidos em estudos que tiveram o Porto de Santos como objeto (MACHIN et al., 2009; SOARES et al., 2008; DIÉGUEZ, 2007; AGUIAR et al., 2006; OLIVEIRA, 2006). O desenvolvimento técnico e o aumento da produtividade vieram também acompanhados de modificações na forma de seleção dos trabalhadores para o trabalho, o que proporcionou maior distribuição de trabalho, rodízio de grupos de trabalho e de cargos de chefia (GONÇALVES & NUNES, 2008). Segundo os trabalhadores entrevistados, essas modificações no processo de trabalho geraram como consequência maior respeito entre os trabalhadores e, possivelmente colaboraram para a diminuição de episódios de violência resultantes da disputa por trabalho.

“Existe uma máxima entre nós que é assim, o porto é redondo... Ele pode estar chefe agora comigo, mas eu estar chefe amanhã mesmo ou daqui uns dias.” (P4)

“Depois que o OGMO entrou... ...ficou dividido o trabalho, ficou igual pra todo mundo.” (P8)

Além disto, relataram que os conflitos entre os trabalhadores surgiam anteriormente por questões relativas a diferentes interesses, principalmente quando poucos detinham o poder de distribuir o trabalho e, assim, privilegiavam alguns colegas com atividades melhor remuneradas. Também, segundo os relatos dos TPAs, houve aumento de fiscalização por parte do OGMO e das operadoras, o que acarretou em diminuição no número de acidentes de trabalho em função do aumento da utilização de equipamentos de proteção individual. Essas modificações são acompanhadas de sentimentos de maior segurança no trabalho.

“A escala de trabalho antes era no grito, você só levava quem conhecia.” (P8)

“O OGMO como um órgão do governo, e botou mais respeito, mais disciplina”; “Estou satisfeito... ..o trabalho está melhorando, eles estão dando mais condições para o trabalhador. Estão cuidando mais da segurança do trabalhador, coisa que não tinha antes.” (P5)

Entretanto, argumentando no sentido contrário ao encontrado nos relatos deste estudo, foi realizado um estudo com objetivo de analisar a ocorrência de acidentes de trabalho entre os trabalhadores da estiva no Espírito Santo, no período de 1991 a 2002, e verificar quais eram os fatores de risco presentes nessas atividades (BOURGUIGNON & BORGES, 2006). O referido estudo, de base epidemiológica e descritiva, analisou as comunicações de acidentes de trabalho arquivadas no sindicato da categoria. Os resultados mostraram um aumento no coeficiente de acidentes de

trabalho a partir da mudança de gerenciamento imposta pela Lei de Modernização dos Portos, que começou a vigorar em 1996. O aumento do número de acidentes esteve associado ao aumento de produção e de redução do número de trabalhadores por terno. Os autores afirmaram que os acidentes poderiam ser explicados pelas características da organização do trabalho e carga de trabalho da estiva (aumento do volume de trabalho e redução do número de homens por terno), que segundo eles, constituem indicadores do desgaste físico e mental presente na categoria. Assim, o aumento da produtividade, com conseqüente maior remuneração dos trabalhadores, poderia estar conduzindo a maiores riscos para o trabalhador. Adicionalmente, pode-se supor que a sistematização das atividades propiciou que dados até então subnotificados e, portanto, presentes, tornassem públicos, o que é de fundamental importância em um processo de melhoria da organização do trabalho.

Apesar de ter ocorrido relatos dos participantes que apontaram para alta presença de consumo de substâncias psicoativas entre os TPAs durante a jornada de trabalho, houve também relatos de diminuição do uso de álcool e drogas entre os TPAs após as mudanças ocorridas com a modernização. A constatação de uso de drogas nas paredes (locais de seleção de trabalho), na área costeira (local de trabalho), bem como o relato de uso no convés e no interior dos navios, permitiu supor que o ambiente portuário é tolerante ao uso de tais substâncias, o que é preocupante. Os relatos abaixo ilustram tal situação:

“Se você for na parede de escalação do OGMO, você vai ver lá pessoal queimando fumo direto, cheirando, pitando, usando crack, ali do lado.” (P14)

“Quem gosta de usar droga chega no cais e acha o paraíso, tem senhor de 60 anos, fumando um baseado todo dia de manhã. Sabe, dando um tirinho, cheirando cocaína e passando lá.”; “é só ir no banheiro usa e volta, aí você segura a tua onda.” (P12)

...é escuro e tal você, fuma na cara dura, mas eles às vezes fumam dentro do navio. Dentro do navio é propriedade do navio, pisou no navio você tá em território estrangeiro, quem manda é a tripulação. Se tá no navio eu não vou falar pra você:- pô apaga o baseado. O que é isso que você tá cheirando, o que você tá bebendo, o quê? Não muitas, vezes a tripulação do navio troca: aparelho celular por engradado de cerveja. O cara vai lá e traz a cerveja e pega o celular. E ele vai abrir e vai beber ali, que tipo de fiscalização tem ali? Não vai rolar fiscalização nenhuma ali, faz o que quer. (P12)

A queda na remuneração aparece nos relatos como o efeito que mais impactou negativamente dentre as mudanças ocorridas após a lei da modernização dos portos. Os relatos descrevem quedas de 50% a 75% na remuneração pelo mesmo trabalho realizado antes.

“O processo de achatamento, isto é, redução nos valores das taxas pagas por tonelagem e o volume movimentado sofreram um processo de achatamento violento. Sintetizando, hoje o conferente de carga e descarga, trabalha o dobro das horas que trabalhava antes pra ganhar a metade do que ganhava antes, isso é, hoje estão me pagando 25% do que me pagavam pela mesma hora trabalhada há 15 anos, 20 anos atrás, esse foi o efeito mais perverso das séries de mudanças praticadas.” (P2)

Esse fato obrigou os TPAs a estarem frequentemente próximos aos locais de seleção de trabalho, seja buscando o primeiro trabalho do dia, seja tentando uma segunda ou terceira jornada no mesmo dia, o que favoreceu o hábito e a necessidade de trabalhar, em muitos casos, até 18hs (três períodos) sem descanso. Às vezes os TPAs se deslocam até o local da escalação, e não conseguem trabalho, tendo que aguardar até a próxima escalação que ocorrerá 6 (seis) horas após. Assim, dependendo da distância, muitas vezes não é financeiramente viável voltar para casa e os trabalhadores acabam ficando nas imediações do local de trabalho.

“O cansaço é essa falsa liberdade que tem o trabalhador portuário de ir quando quiser. O que acontece? Tu fica preso ao cais, porque são 3 horários de escala, de manhã, de tarde e de noite. Não dá pra ir pra longe...” (P12)

O relato acima do participante 12 permitiu inferir que as características do trabalho favorecem a redução das chances de convívio com a família, bem como afetam negativamente no auto-cuidado, tais como alimentação de qualidade, regulação do sono, manutenção de atividades de lazer o que pode contribuir para o aumento de estresse. Possivelmente, tal contingência favorece comportamentos alternativos de enfrentamento da ansiedade e gerenciamento do estresse por meio da utilização de substâncias psicoativas (HAUCK & TEIXEIRA, 2011).

A maior parte dos entrevistados afirmou que no passado o trabalhador portuário era mais valorizado socialmente em virtude da boa remuneração. Tais mudanças podem estar relacionadas a sentimentos de frustração, desprezo, relatados pelos TPAs em relação ao trabalho atual.

"pisoteado, reduzido a nada" (P2)

[o trabalho no porto]: *"teve o seu tempo áureo, teve seu tempo de meio termo, e hoje nessa fase de baixa total, muita gente emocionalmente foi pro espaço". (P2)*

Os trabalhadores referiram que há conflitos constantes entre o OGMO/Operadoras e trabalhadores, sendo que os trabalhadores surgem como a ponta mais frágil da relação, o que gera sentimentos de frustração e de pouca autonomia. Nos relatos surgiram afirmações como incompetência do OGMO e falta de confiança na honestidade de seus dirigentes. Além disto, as operadoras portuárias ocupam, segundo

os trabalhadores, os cargos mais altos na hierarquia do órgão, o que deixa os trabalhadores sem possibilidade de serem ouvidos e atendidos em suas demandas.

Apesar da Lei nº 8630/93 prever um conselho de gestão do OGMO com representantes dos trabalhadores, das operadoras portuárias e dos usuários de serviços, o OGMO tem, de fato, a direção executiva do órgão indicada pelas operadoras portuárias. Assim, os trabalhadores vêem o OGMO como aliado das operadoras e não dos trabalhadores (GONÇALVES & NUNES, 2008). Adicionalmente, afirma-se que não há transparência nas decisões, nem tampouco todos os interesses são contemplados nas tomadas de decisões (OLIVEIRA, 2006)

“um bloco pró-capital e contra o trabalho, o trabalhador então o sentimento é de frustração.” (P3)

*“OGMO há muito anda à margem da lei” (P4); “muita falcatrua” (P7);
“um órgão parcial.” (P14)*

“benefícios só pros operadores, pro patrão.”(P3)

4.3.2. Estresse: cansaço físico e mental relacionado ao trabalho

O trabalho no porto é historicamente relacionado a uma atividade desgastante por promover sobrecarga física e exposição a ambientes hostis (GITAHY, 1992, GONÇALVES & NUNES, 2008). Segundo relato dos participantes, no Porto de

Santas suas atividades são desenvolvida sem condições de trabalho extremas, como contato com produtos químicos no ar, poeira, exposição a condições climáticas muitas vezes contrastantes em um mesmo dia, altura, exposição ao balanço do mar, locais com pouca ventilação e cheiros fortes. Tais relatos descrevem um ambiente físico insalubre, com alto risco de acidentes e diretamente relacionados à produção de estresse físico e psicológico entre os trabalhadores.

[Entrevistador]: *“E como os esforços podem prejudicar a saúde?”*

[Participante 12]: *“Todo o trabalho de turno, por rodízio termina afetando [a saúde]. Só quem trabalha no turno da 1 da madrugada até as 7 da manhã, de baixo de poeira e driblando caminhão, sabe o que é isso.”*

Assim, os trabalhadores descreveram o trabalho como uma atividade de alto risco, pontuando que dificilmente há acidentes de trabalho considerados leves, tais episódios envolvem geralmente amputações ou morte. No estudo realizado por Soares et al. (2008), a maioria dos TPAs (93,46%) do Porto de Rio Grande no extremo sul do Brasil reconheceu que existem riscos à saúde no trabalho, corroborando com os achados desse estudo. Segundo o estudo de Soares et al. (2008), os riscos identificados foram: queda de objetos suspensos, ruídos, intempéries, levantamento manual de carga, ferramentas de trabalho, componentes dos ternos em número abaixo do ideal, ganho por produtividade, ritmo de trabalho, trabalho em altura, deslocamento do trabalhador sobre as cargas e escadas de acesso às embarcações.

“ou você mutila braço, perna, mão ou você morre. Não tem acidente assim de quebrar, fica passando o aparelho em cima do mar com você... dá uma tremedeira que quando você sai do trabalho, quando você desce no chão, você tá mole, fica desanimado. A descarga de adrenalina te deixa assim e você vai embora. Pra morrer é assim, oh!”

(P12)

O estresse gerado pela sobrecarga de trabalho e pela exposição a um ambiente hostil foi um fator consensual entre os trabalhadores entrevistados. Entretanto há uma somatória entre a natureza de desgaste físico intrínseco da própria atividade e o desgaste mental produzido pela organização do trabalho, principalmente em relação a: sazonalidade das atividades, distribuição de trabalho, remuneração e relação com os empregadores. Este dado dialoga com os dados do estudo realizado por Santos e Cardoso (2010) com profissionais de saúde mental que apontou que fatores como sobrecarga de trabalho, má gestão do trabalho, dificuldades na execução do trabalho em equipe, dificuldades no relacionamento interpessoal e baixa remuneração foram fatores mais frequentemente relacionados à percepção de estar sob estresse excessivo.

Como apresentado anteriormente, a dificuldade de gerenciar o estresse foi observada também nos resultados do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL), nos quais 10 dos 17 participantes do presente estudo apresentaram quadros de estresse. Entre os participantes, dois deles se encontraram na fase de quase exaustão. Complementarmente, em resposta à entrevista semi-estruturada, o desgaste mental foi

considerado, pela maioria dos entrevistados, como o fator mais importante para o surgimento e exacerbação do estresse. Assim, entende-se que, tanto a dinâmica da presença constante no local de seleção para o trabalho, como a necessidade de fazer mais de uma jornada quando há trabalho disponível tem profundo impacto na etiologia do estresse entre os TPAs. Além disto, a presença de conflitos entre OGMO/trabalhadores, operadoras portuárias/trabalhadores e a forma como se dá a organização do trabalho relatada pelos TPAs pode intensificar o estresse vivenciado.

Pode-se inferir que a dinâmica ilustrada potencializa o estresse inerente ao trabalho. As queixas mais frequentes dos trabalhadores foram referentes à inconstância de trabalho e à organização da seleção, sendo que relacionaram os dois fatores como variáveis determinantes para produção de ansiedade e de conflitos entre os trabalhadores.

“Mais desgaste assim no trabalho não é físico, é mais mental... é essa ansiedade de querer ganhar, de querer produzir...” (P15)

“...uma selvageria no ponto de escala, um querendo trabalhar mais que o outro”; “não tem quem não se estresse com a escala.” (P12)

“E é naquele pensamento de querer agilizar para produzir que acontecem acidentes. Um subiu no navio, pelo contêiner e caiu, morreu.” (P5)

Os relatos evidenciaram que o estresse excessivo e a sobrecarga de trabalho podem também ser entendidos pelos trabalhadores como desencadeadores de acidentes de trabalho. Segundo os TPAs, o estresse em excesso diminui a capacidade de concentração do trabalhador durante a realização das tarefas. Por sua vez, a sobrecarga de trabalho gera cansaço físico e sonolência, respostas típicas a uma situação de estresse físico (LIPP, 2003). Tais dados corroboram com os achados de Qureshi et al.(2010) nos quais médicos em jornadas de 24h comparados aos que realizam jornadas de 6h apresentaram diminuição significativa em habilidades cognitivas e comportamentais, como concentração e memória, conduzindo a maior risco de acidentes de trabalho e erros. Almondes e Araújo (2009) apontaram também que trabalhadores de turno da indústria petrolífera apresentam ansiedade significativamente mais alta quando comparados aos que realizavam seu trabalho em jornada diurna fixa. Uma das hipóteses explicativas aponta pelos autores foi a má qualidade do sono.

“Estresse aumenta o número de acidentes sim. Se tu tiver trabalhando aqui direto no estresse, ele vai tirar teu reflexo. Deixa a pessoa desligada. Nesse segundo de desligamento é quando acontece um acidente.” (P5)

“Tu é obrigado usufruir o máximo do trabalho, muitas vezes tu vai sem dormir, cansado e nessa que fica vulnerável ao acidente.” (P12)

“Você trabalhando 12 horas, 24 horas, 48 horas, é lógico que o seu corpo não vai aguentar.” (P6)

Há diversos relatos de acidentes que ilustram o ambiente de trabalho e as contingências às quais os participantes estão expostos. Para ilustrar tal situação, o relato abaixo mostra o cotidiano do trabalhador que desenvolve suas atividades dentro dos porões ou no convés dos navios. No caso a ser ilustrado, o trabalho é realizado em cima de pilhas de contêineres, de 15 a 25 metros acima do nível do mar, às vezes à noite com iluminação artificial, exposto a intempéries e compensando o balanço do mar com o próprio equilíbrio. Somada às condições descritas, houve também menção à necessidade de interação refinada com os outros TPAs, tripulação e funcionários das operadoras para que o trabalho tenha o andamento correto.

“Eu já vi gente caindo do container porque, às vezes você está numa pilha de container. O cara ali, ele faz o sinal, o guincheiro interpretou errado, aí você tá do lado de um container e ele tá chegando com outro container e ali pra baixo é o mar. Tem que pular, tem que ir pela frente e pular... ou ficar, como muitos ficam às vezes, o cara se joga, se abaixa, arreia, moi, vira pastel e eu já vi muitos se jogando, pô! Se jogar as 03h30min da manhã, 4h da manhã, no inverno, de jaqueta, bota, capacete, tudo, e se jogar no mar naquela altura ali. Às vezes é fatal.”

(P12)

O convívio com os próprios colegas de trabalho também tem sido relacionado ao aumento do estresse (SANTOS & CARDOSO, 2010). No estudo de Santos e Cardoso (2010) foi referido que condições de trabalho como estrutura física precária e dificuldades na execução do trabalho em equipe por falta de confiança nos

colegas de trabalho foram os fatores mais frequentemente associados à percepção de estar sob estresse entre profissionais de saúde. Adicionalmente, os autores concluíram que tais estressores estariam relacionados às mudanças recentes na organização do trabalho como: redução do quadro de funcionários e aumento da demanda de trabalho. No caso dos TPAs do Porto de Santos a interação com os colegas e os relatos de conflitos entre eles se dão principalmente em dois momentos: durante a seleção na parede e durante a realização do trabalho com os colegas do terno. Ressaltando que os conflitos durante a seleção foram os mais referidos nas entrevistas e, segundo os TPAs, ocorrem principalmente por desconfiança de que o colega estava de alguma forma tentando obter vantagem na seleção:

“a gente lá não pode ser bobo, se não as pessoas montam em cima. Tem que impor, e fazer que as pessoas te respeitem.” (P8)

Entrevistador: *“De que forma a sobrecarga, o estresse prejudicam a saúde do trabalhador?”*

Participante 17: *“Ah, você fica muito agressivo, arrogante, fica arrogante, fica agressivo, até chega a se desentender com os próprios parceiros... estresse, gera violência, arrogância, se for arrogante com uma pessoa, o cara vai te estranhar.”*

Houve também relatos de presença de muitos conflitos durante a realização do trabalho na faixa costeira, convés ou porões dos navios. Os principais motivos relatados foram: colega sob efeito de álcool, desacordo sobre a metodologia de

realização do trabalho e falta de entrosamento do grupo de trabalho. Um exemplo claro dessa dinâmica de conflitos referidos foi a presença de trabalhadores de idade avançada que não têm condições de realizar as tarefas nas quais há necessidade de esforço físico e/ou agilidade. Os relatos mostraram que, apesar dos trabalhadores poderem optar por fazer trabalhos que não exijam grande esforço físico, optam por trabalhos mais bem remunerados que, no entanto, não apresentam condições de realizar em sua plenitude. Esses trabalhadores são chamados de “moleza” pelos outros colegas do terno e ficam com uma função secundária no trabalho afim de não diminuir ainda mais a produtividade do grupo. A presença de um trabalhador lento ou fragilizado no grupo tem impacto negativo na produtividade, então, opta-se que ele ocupe uma função secundária a fim de minimizar esse impacto. Assim, os TPAs mais jovens acabam trabalhando mais do que deveriam e relataram sentimentos de resignação, pois entendem que trabalhadores nessas condições deveriam escolher somente trabalhos mais leves.

*“...fica atrapalhando nosso campo... às vezes não toca a moleza pra ele e ele vai num trabalho que não é moleza, mas é bem remunerado...
...Daí muitas vezes a gente discute: - Pô velhinho, se tu não aguenta tu não pega esse trabalho, esse trabalho já não é mais pra tu, entendeu?”
(P12)*

4.3.3. Uso de álcool e drogas entre os trabalhadores e suas implicações

O consumo de substâncias psicoativas é consistentemente associado na literatura com o aumento de agressividade/violência (ZALESKI et al., 2010; NORSTROM & PAPE, 2010; OLIVEIRA et al., 2009; GRAHAM et al., 2008; CHALUB & TELLES, 2006). Sobre esse aspecto, Norström e Pape (2010) realizaram estudo longitudinal na Noruega (n=2697) a partir do STAXI e afirmaram que sentimentos de raiva suprimidos (raiva para dentro) aumentaram significativamente o risco de comportamentos agressivos quando houve consumo de álcool. Segundo os TPAs entrevistados, os conflitos entre os trabalhadores, muitas vezes, envolvem pessoas que fizeram uso de álcool e, por isso, se tornam mais agressivos.

“Tem os caras que vão trabalhar de fogo no cais... é muita briga, discussão que sai né.” (P5)

Os trabalhadores descreveram também que o consumo de álcool durante a jornada de trabalho é pequeno. No entanto, o trabalho sob efeito de álcool é comum. Entretanto, relataram que é mais frequente que os colegas façam uso de álcool antes de iniciar as atividades, durante os intervalos para nova seleção de trabalho ou depois de encerrar as atividades. Porém, os trabalhadores afirmaram que o uso de outras substâncias, como cocaína e maconha, é mais comum durante o período em que se encontram durante a jornada de trabalho. De acordo com os achados de Gjerde (2010) em estudo que avaliou a presença de álcool e drogas na saliva de 526 trabalhadores noruegueses, o uso de outras drogas foi mais frequente que o uso de álcool antes e durante a jornada de trabalho. Os trabalhadores noruegueses, por meio

de autorelato, relacionaram ainda absenteísmo e baixa produtividade no trabalho associados ao uso de álcool.

[Cocaína] (o uso) *“às vezes é escondido, mas você sabe que tá usando.”* (P8)

[Cocaína] *“é só ir no banheiro usa e volta, aí você segura a tua onda.”* (P12)

[Maconha] *“o que eles usam mais é uma erva, fumam uma ervinha de vez em quando a noite, durante o dia também fumam.”* (P17)

[Álcool e Maconha] *“eu convivo diariamente com esse tipo de pessoa que usa álcool, que trabalha alcoolizada, que trabalha com cigarro de maconha, entendeu? Do lado da gente, sabe?”* (P15)

Um fato interessante ocorre quando um dos membros do terno percebe que o colega não tem condições de trabalhar por estar sob efeito de álcool. Dificilmente uns delatam os outros e o trabalho ocorre normalmente. Assim, não ter condições para o trabalho não impede o trabalhador de ser selecionado e receber a remuneração pelo trabalho. Entretanto, durante a execução do trabalho, os TPAs referiram que os colegas do terno podem pedir que aquele que se encontra sob efeito de álcool se retire com o intuito de não atrapalhar e de evitar acidentes. Para outras drogas, como cocaína e maconha, tampouco houve relatos de delação e referiram haver maior tolerância em se

trabalhar com colegas sob efeito dessas drogas do que com aqueles que se encontram sob efeito de álcool.

[Álcool e maconha] *“eu sinto que eles ficam mais relaxados, no caso do uso das drogas, no uso do álcool não. No uso do álcool é assim, o cara ele chega no trabalho alcoolizado, ele chega sem condições de trabalho nenhuma.”* (P15)

[Cocaína] *“o cara cheirado vai operar máquina em estado de euforia, quem vai falar, ‘ah! O cara cheirou’, ninguém vai falar isso.”* (P14)

Percebe-se que há certo protecionismo que impede que uns delatem os erros dos outros durante o trabalho. Os TPAs justificaram essa postura ressaltando alternância aleatória de poder. Ou seja, a qualquer momento pode-se ser patrão ou subordinado e a qualquer momento o próprio trabalhador pode ser prejudicado por ser um delator.

“Existe uma máxima entre nós que é assim, o porto é redondo... Ele pode estar chefe agora comigo, mas eu estar chefe amanhã mesmo ou daqui uns dias.” (P4)

Abaixo outro exemplo dessa dinâmica que permeia todas as atividades no porto.

“Caguetar ele pra amanhã ele acordar sóbrio e falar: Quem te caguetou? Aquele ali? Chamou a fiscalização? e o caramba... Quando ele tiver sóbrio ele vira um leão, né? - É tu é um cagete, então? Como na estiva todos os cargos são em forma de rodízio, hoje você tá como trabalhador aqui embaixo e amanhã você tá como mestre, lá em cima. Então, eu não posso te causar mal enquanto eu tiver lá em cima, por que amanhã você vai me dar o troco, né?” (P12)

Na maior parte dos relatos percebe-se claramente dois tipos de justificativas para o uso de substâncias psicoativas entre os trabalhadores: 1) como ansiolítico, de modo a controlar ou amenizar o estresse e; 2) como forma de melhorar o desempenho no trabalho, seja como anestésico para atividades aversivas, seja como estimulante para aumento do potencial produtivo do trabalhador, em geral, nas dobras de turno.

Filho e Teixeira (2011) em estudo de revisão da literatura referem-se à motivação para o uso de álcool como interna ou vinda do contexto social. Os autores numeraram os motivos para o uso de álcool como: 1) motivos negativamente reforçados envolvendo processos de autoregulação (e.g., *cooping* como estratégia de fuga ou esquiva e automedicação patológica); 2) motivos positivamente reforçados envolvendo processos de auto-regulação (e.g., emoções agradáveis). Assim, o relato abaixo descreve as relações feitas pelos os próprios TPAs acerca do uso de substâncias e suas relações com o trabalho:

“A automação diminuiu a necessidade de ter mão de obra, então hoje os trabalhadores vivem numa situação se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. O quê que gera isso? Ansiedade, nervosismo, se você pegar os trabalhadores avulsos muitos são alcoólatras, muitos são drogados, diariamente, se você for na parede de escalação do OGMO, você vai ver lá pessoal queimando fumo direto, cheirando, pitando, usando crack, ali do lado. (P14)

Na Tabela 4 abaixo foram selecionados relatos que ilustram a percepção dos participantes sobre o efeito esperado do uso de substâncias psicoativas no ambiente de trabalho.

Tabela 4. Relatos ilustrativos de percepção dos participantes sobre o efeito esperado do uso de substâncias psicoativas relacionadas ao trabalho

SUBSTÂNCIA	Efeito esperado das drogas sobre o desempenho
Álcool	<p><i>“eu não sou de ferro, eu tomo minha latinha todos os dias antes de dormir.” (P2)</i></p> <p><i>“Tem cara que, tipo assim, trabalhou, trabalhou demais aí se enfia na cachaça para relaxar.” (P5)</i></p> <p><i>“relaxa mais, fica mais calmo.” (P6)</i></p>
Maconha	<p><i>“Quando eu to estressado eu fumo.” (P14)</i></p> <p><i>“Acho o trabalho uma merda, eu uso maconha e é o melhor trabalho</i></p>

	<p><i>do mundo.” (P14)</i></p> <p><i>“o cara que usa droga... eles ficam mais relaxados, fazem o trabalho assim, como eu posso te dizer assim, encoraja.” (P15)</i></p> <p><i>“eu já sou ativo demais já, por isso que até às vezes eu faço uso de maconha pra poder puxar um pouco o freio de mão.” (P16)</i></p> <p><i>“pra mim não é uma forma de ficar doidão, é uma forma de ficar relaxado.” (P16)</i></p> <p><i>“Eu uso pra relaxar mesmo o nervo, fica mais suave, conversa mais, brinca mais, tem mais autonomia, mas é tipo estimulante.” (P17)</i></p> <p><i>[Maconha] “mais é estimulante, tipo que nem, sabe que aquilo lá pro estresse e relaxar o corpo, relaxa mais.” (P17)</i></p>
<p>Cocaína</p>	<p><i>“usar para trabalhar, para trabalhar direto.” (Dobrar turnos) (P5)</i></p> <p><i>“O cara dá um tiro para dobrar, e pra dobrar de novo de novo.” (P5)</i></p> <p><i>“Já cocaína eu é cheirar que me deixa elétrico. (P5)</i></p> <p><i>“tem gente que usa cocaína pra ficar mais tempo acordado.” (P16)</i></p> <p><i>“tem gente... meio marcha lenta e já cheira.” (P16)</i></p>

De forma geral, de acordo com a Tabela 4, os relatos dos TPAs relativos aos efeitos esperados para a maconha foram: alívio para o estresse, melhora no desempenho social, alienação do trabalho e estimulante para melhorar o desempenho na função. Os efeitos esperados para o álcool foram: alívio de estresse durante e depois do trabalho, confirmando os achados da literatura no que se refere à

motivação para o uso de álcool (FILHO & TEIXEIRA, 2011). No que se refere à cocaína, os efeitos esperados apontaram para aumento da resistência física, aumento da latência de capacidade de concentração e encorajamento, favorecendo o aumento da capacidade de dobrar o turno, da produtividade e, conseqüentemente, os ganhos pelo trabalho que foram perdidos após a lei de modernização dos portos.

Tabela 1. Resumo dos principais efeitos esperados pelos TPAs em relação ao uso de substâncias psicoativas relacionadas ao trabalho

SUBSTÂNCIA	<i>Efeito esperado do uso de substância psicoativas relacionadas ao trabalho</i>
Álcool	- Alívio de estresse durante e após do trabalho
Maconha	- Alívio para o estresse - Melhora no desempenho social - Alienação do trabalho - Estimulante para melhorar o desempenho na função
Cocaína	- Aumento da resistência física - Aumento da capacidade de concentração - Encorajamento

Minayo (1998) ressalta que os motivos para o uso de álcool e outras drogas são complexos e devem ser analisados sob diversos aspectos. Dentre eles, as

influências do meio e as características pessoais dos usuários. A autora afirma que drogas e álcool podem ser usados, por exemplo, antes ou depois de eventos violentos, e tais substâncias podem ser utilizadas como justificativa para a violência, diminuindo a responsabilidade pessoal pela mesma.

Carrillo e Mauro (2004) afirmaram que o estresse aumenta a vulnerabilidade ao abuso de álcool e drogas. Em estudo realizado pelos autores, 22% dos participantes que faziam uso de drogas relataram que utilizavam cocaína e/ou maconha para aliviar o estresse. Chiapetti e Serbena (2007) apontaram como motivadores para o ato de consumir substâncias psicoativas: quebra da rotina, para vivenciar as alterações emocionais/perceptuais e para reduzir a ansiedade/estresse entre estudantes da área da saúde. Por outro lado, Nascimento et al. (2007) identificaram como motivos para o uso de anfetamina entre caminhoneiros manter-se acordado e adiantar a chegada ao destino para aumentar produtividade. Adicionalmente, observaram que 91% dos caminhoneiros entrevistados faziam uso de bebidas alcoólicas e apresentaram como motivo principal deste uso poderem participar do grupo social.

Ainda sobre os dados expostos na Tabela 4, os relatos ilustram a percepção dos efeitos do uso de substâncias psicoativas pelos TPAs. A minimização dos efeitos nocivos do uso de substâncias psicoativas entre os TPAs também merece destaque. Parte dos participantes indicou que o uso de substâncias psicoativas não prejudicava o desempenho no trabalho, contrariando os achados da literatura (NASCIMENTO, 2007). Dentre os TPAs uma hipótese explicativa se referiu ao fato do

consumo fazer parte do cotidiano e já não ser percebida como prejudicial, assim podemos supor que o uso de substâncias psicoativas é tolerado e faz parte da cultura dos TPAs. O relato abaixo ilustra tal situação:

“A droga não chega a ser um problema... ...a droga tira a atenção da pessoa principalmente se ele tiver mexendo com maquinaria, mas vai muito da pessoa a consciência, tem gente que consegue lidar com isso, mas pra quem não conhece acha que a droga é um bicho de sete cabeças, você não fica alucinado. Vai lá fuma um baseado, cheira uma cocaína e faz seu trabalho sossegadamente, entendeu? (P8)

“A pessoa tendo consciência, ela faz seu trabalho normal e a droga não atrapalha”.(P8)

4.3.4. Uso de risco de substâncias e violência no trabalho e no ambiente doméstico

A presença de agressões verbais e físicas no ambiente de trabalho foi relatada pela maioria dos participantes. Estresse e consumo de substâncias psicoativas foram apontados como os principais desencadeadores dos episódios de violência no trabalho, aspectos que estão de acordo com dados encontrados da literatura já apontados anteriormente no texto (NORSTROM & PAPE, 2010; LYSOVA & HINES, 2008; OLIVEIRA et al., 2009; ZALESKI et al., 2010; MINAYO & DESLANDES, 1998).

Deve-se também considerar o fato do ambiente portuário ser predominantemente masculino, o que pode aumentar a probabilidade de ocorrência de conflitos que culminam em agressões. Aspectos relativos ao papel do gênero masculino, tais como ser forte e ser ativo permeiam as relações entre os TPAs do Porto de Santos (MACHIN et al., 2009).

Como já citado anteriormente, de acordo com o desempenho dos mesmos no STAXI, dez TPAs apresentaram escores de raiva para fora maiores que a média nacional, fator que pode expressar-se em comportamentos agressivos como atos físicos por meio de agressões entre os TPAs ou de forma verbal, em forma de críticas, sarcasmos, insultos, ameaças e uso extremo de palavrões. Confirmando esse achado, o discurso dos participantes apontou que interações permeadas por xingamentos, imposição do poder e força física são frequentes entre os trabalhadores.

O relato abaixo ilustra tal situação:

“Não tem um dia que tu não vai no cais e não tem uma discussão de um cara gritar com o outro... gritar e berrar um com o outro, isso é normal. Um xingo normal assim... vai pro caralho, esse negócio de vai se fuder, vai tomar no cu, isso no cais ai é normal... Começa a discussão por causa de trabalho, aí um xinga o outro e fica por isso mesmo... Briga física é mais difícil, porque aí se pegar dá ocorrência, dá problema, mas tem”. (P5)

Segundo os relatos, houve significativa diminuição dos episódios de violência em todos os aspectos quando comparados com o período anterior à lei de modernização dos portos. A maior diferença citada se encontra na presença de armas de fogo e de armas brancas em porte dos trabalhadores no passado:

“Antigamente... todo estivador andava armado com faca ou arma e se você falasse um palavrão pra mim, você tomava um tiro e acabou” (P3).

Os participantes justificaram a diminuição de ocorrências pelo fato de atualmente haver maior fiscalização e, conseqüentemente, aumentar a possibilidade de sofrer punições, as quais significam ficar sem poder trabalhar.

“Como um órgão do governo, e botou mais respeito, mais disciplina, entendeu? Tipo, agora tem mais punição, qualquer coisa tem ocorrência, entendeu? O cara tem que responder”. (P5)

O aumento de fiscalização pública e privada, após a lei de modernização dos portos, é referida pelos TPAS como um fator que reduziu os atos violentos e o uso público de substâncias psicoativas. Outro fator que pode ter contribuído também para essa redução foi a diminuição do número de trabalhadores por equipe de trabalho e aumento de responsabilidade de cada membro do terno pela finalização da atividade a ser desempenhada. Os próprios colegas de trabalho passam a controlar e fiscalizar com mais rigor as condições de trabalho dos membros da equipe.

Entretanto, apesar do relato de diminuição dos episódios de violência no ambiente de trabalho, houve ainda alta frequência de relatos de agressões verbais e físicas entre os TPAs. O relato abaixo evidencia o impacto da sobrecarga de trabalho e do estresse na emergência de comportamentos agressivos.

“...às vezes o teu ´eu` não é isso, é que o ambiente que tu vive, te leva a isso, entendeu?” (P5)

“...essa sobrecarga no trabalho aí, esse estresse, pode gerar violência. Gera porque tem cara que não tem controle e não mede as palavras que fala pro outro, ai é que sai briga, briga feias as vezes, briga agravante. As vezes discutem e vão se agredir lá e morre o assunto. Têm outros que vão lá para fora, Pegar o cara de pau”. (P5)

No que se refere aos motivos para o aparecimento de agressividade/violência no ambiente de trabalho, os TPAs relataram episódios violentos relacionados ao Uso de Risco de álcool, ao estresse e sobrecarga de trabalho e houve também referência à presença majoritária de homens no ambiente de trabalho como facilitador para o aparecimento de conflitos. As relações referidas pelos trabalhadores estão de acordo com os achados da literatura nacional e internacional a respeito da relação entre as variáveis álcool, estresse, gênero e violência (MACHIN, 2009; MUSAYON, Y & CAUFIELD, 2005; CHALUB & TELLES, 2006; GRAHAM, et al., 2008; MARTINO, 2003; ZALESKI et al. 2010), ou seja, um ambiente predominantemente masculino no qual há presença de questões relacionadas ao gênero (força física, valentia, honra, coragem, entre outros) e de desencadeadores de níveis altos de estresse. Os

trabalhadores para lidar com o estresse fazem uso de substâncias psicoativas, o qual gera maiores episódios de violência.

A Tabela 6 abaixo ilustra as relações feitas pelos TPAs entre estresse, violência e uso de substâncias.

Tabela 6 - Relação entre estresse, violência e uso de substâncias

PARTICIPANTE	Relatos
2	<p><i>“Sob um pico de estresse o cara pode reagir violentamente”</i></p> <p><i>“Tava com canivete, eu só uso laminas, ai coloquei pra traz e quando ele se aproximou eu falei. Nem aproxima porque vai dar merda, eu já to estressado.”</i></p> <p><i>“Dei uma cabeçada no supercílio, arrebentou o supercílio dele... ai ele ficou meio zozzo e eu comecei a socar a cara dele, onde batia eu ia cortando.”</i></p>
3	<p><i>“Saí de casa com a cabeça naquela fissura de chegar e conseguir um trabalho e, de repente, o teu colega do lado te fala uma gracinha, se você não tiver um bom equilíbrio.”</i></p>
5	<p><i>“Eu trabalhava bebendo e arrumei um monte de confusão por causa disso.”</i></p> <p><i>“Os caras não gostam de ver chegar lá no trabalho bêbado,</i></p>

	<p><i>aí tem discussão, tem briga.”</i></p> <p><i>“Quando está bebido (sic) e isso dá atrito direto, é briga.”</i></p>
<p>8</p>	<p><i>“Como é ambiente de homem, tem sempre um mais valentão que o outro.”</i></p> <p><i>“Só tem homem, volta e meia uma briguinha, um xinga de lá, xinga de cá. Até um tomar uma atitude, ou vai agredir ou vai sair no berro.”</i></p>
<p>12</p>	<p><i>“Eu briguei muitas vezes”</i></p> <p><i>“Briga mesmo de sair na mão, de soltar as coisas, tirar a camisa e tal e eles gostam (bateu palmas) que nem animal sabe?”</i></p> <p><i>“Eu tenho medo de ficar arrumando briga no cais, porque você tá de costas e não sabe... naquela aglomeração e enfiar uma faca, é um ambiente estressado.”</i></p> <p><i>“entre eles rola briga todo dia, rola briga de velhos, velhos de 60 anos, 70 anos brigando, trocando soco com outro.”</i></p>
<p>15</p>	<p><i>“essa coisa de briga é frequente, no cais assim...”</i></p> <p><i>“qualquer problema você vê alguém discutindo um com o outro.”</i></p>

16	<p><i>“Discussões têm sempre.”</i></p> <p><i>“Ali é um engolindo o outro”.</i></p> <p>[Sobre já ter brigado no trabalho]: <i>“discussões de não abrir mão dos meus direitos é uma coisa. Agora briga mesmo, de nervoso, chapa quente foram 4 vezes.”</i></p>
17	<p>[Agressão entre os trabalhadores]: <i>“Mais verbal.”</i></p>
18	<p><i>“Às vezes acontece um debate entre os colegas... ...às vezes o cara até pega, assim, embola a gente segura, entendeu, o pessoal que gosta de usar uma coisinha, fica naquela de estresse.”</i></p>

Os relatos da Tabela 7 ilustram episódios de violência contra a mulher e suas relações com o consumo de álcool e outras drogas entre os TPAs.

Tabela 7 – Episódios de violência no ambiente familiar

<i>PARTICIPANTE</i>	<i>Agressões verbais e agressões físicas no ambiente familiar</i>
1	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“mas revidei que ela me empurrou e eu só empurrei”.</i> • <i>“Foi um empurrão. E teve uma que eu tive que dar um tapa, que ela me levou além e foi ela que começou e foi</i>

	<i>verbal, né, ela me agrediu verbalmente”</i>
5	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Minha primeira mulher... vinha com a boca dura, me xingava, me ofendia, e eu bêbado, entendeu? Aí ela gerava um problema maior”.</i> • <i>“Geralmente isso ai acontecia quando eu estava de bomba, bêbado, alterado. E quando acontecia isso eu saia pra rua ia beber mais, encher a cara.</i> • <i>“Teve umas duas vezes lá que ela chamou a polícia para ir e me levaram umas duas vezes e depois parou.</i> • Sobre sangramento durante a agressão à mulher: <i>“Ah, não lembro não. Acho que foi da boca. É da boca”.</i>
16	<ul style="list-style-type: none"> • [Sobre ter discutido com a esposa]: Gritou, empurrou, foi agredido pela esposa e estava sob efeito de maconha
18	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“E achei que ela provocou, porque a mulher quando o homem chega a fazer alguma coisa pra ela, é porque ela procura”.</i>

No que se refere à violência no ambiente familiar, quatro TPAs relataram episódio de agressão à parceira. Apenas um participante verbalizou que a organização

do trabalho, mais especificamente, a insatisfação por não conseguir trabalho, influenciou na relação familiar favorecendo a emergência da violência. De forma geral, os episódios envolveram consumo de álcool, sendo que um participante relatou consumo de cocaína e álcool e outro referiu ter feito uso de maconha antes da agressão à parceira. Os achados confirmam os dados da literatura no que se refere ao uso de álcool e drogas ilícitas como fatores de risco, portanto um facilitador do uso da violência contra a parceira de ordem íntima (NORSTROM & PAPE, 2010; LYSOVA & HINES, 2008; OLIVEIRA et al., 2009; ZALESKI et al. 2010; MINAYO & DESLANDES, 1998; SINCLAIR, 2010).

É importante destacar que o uso de substâncias psicoativas não pode ser entendido como causa direta da agressão contra a mulher, mas um fator de risco adicional nesta complexa dinâmica, aspecto amplamente discutido por estudiosos da área (CORTEZ et al., 2005; PADOVANI & WILLIAMS, 2009).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato dos participantes permite concluir que o processo de modernização trouxe mudanças significativas na vida do trabalhador portuário. Dentre as mudanças, destacam-se: diminuição no número de trabalhadores por terno, redução da autonomia no trabalho, da remuneração, da possibilidade de convívio familiar e de lazer. Acredita-se que as relações estabelecidas no período anterior à modernização portuária asseguravam aos trabalhadores portuários controle sobre o mercado de trabalho, reforçava o sentimento de pertencimento em relação à administração portuária, moldando suas ações no enfrentamento das contingências do trabalho cotidiano (GOMES & JUNQUEIRA, 2008). Portanto, tais relações pareciam funcionar como fatores de proteção em relação ao estresse ocupacional e ao uso de substâncias psicoativas. Além de poder favorecer a emergência de respostas emocionais relacionadas à satisfação, segurança e bem estar, bem como favoráveis à manutenção da dinâmica de trabalho estabelecida. Em contrapartida, pode-se inferir que o referido contexto em operação se opunha e apresentava resistência a processos que viessem a questionar os modelos impostos pela cultura dos trabalhadores portuários.

É importante ressaltar que com o advento da modernização dos portos e com a inserção do Porto de Santos em uma economia globalizada, o contexto de trabalho atual tornou-se menos tradicional e mais profissional. Tal característica acompanha, entre outras, exigências de aumento de produtividade, maior agilidade no embarque e desembarque e diminuição de custos operacionais.

Apesar de evidências de que o uso de substâncias psicoativas está historicamente inserido no contexto do trabalho portuário (GITAHY, 1992), pode-se inferir que o processo de modernização portuária, marcado também por mudanças significativas nas relações interpessoais e trabalhistas, favoreceu que contingências aversivas entrassem em operação e que o uso/abuso de álcool e outras drogas se apresentassem como estratégias de enfrentamento. Ora produzindo esquiva dos estímulos aversivos presentes no ambiente de trabalho, surgindo como uma resposta alienante diante da demanda. Ora como estimulante com o intuito de aumentar o potencial produtivo dos trabalhadores, porém expondo a si mesmos e seus colegas a riscos importantes, incluindo riscos à vida. Além de favorecer também o aparecimento de respostas violentas.

Os dados apontam para tolerância ao uso de substâncias psicoativas entre os TPAs como parte da cultura e dos significados históricos dos trabalhadores portuários. Tal fator seria representado pela minimização dos efeitos nocivos ao usuário e aos possíveis riscos aos quais os colegas ficam expostos. Tal naturalização do padrão de comportamento parece se fortalecer por ser mediado por sentimentos de proteção mútua dos trabalhadores e pela opção de não delação dos colegas sob efeito de drogas e álcool a fim de evitar desconfortos imediatos em um ambiente com relações hierárquicas flutuantes que se representam na expressão citada pela maioria dos participantes: *“o porto é redondo”*. O alívio imediato da estimulação aversiva proporcionada pelo uso de álcool e drogas associado às consequências negativas que normalmente se apresentam a médio e longo prazo, principalmente no que se refere ao álcool e maconha, merecem destaque nessa análise.

Entende-se que os motivos para o uso de álcool e outras drogas são complexos e devem ser analisados sob diversos aspectos. Dentre eles, destacam-se as influências do ambiente físico e social e as características pessoais dos usuários (MINAYO & DESLANDES, 1998). Dentro desse contexto e conhecendo a limitação de tais generalizações, pode-se inferir que a forma como o trabalho no Porto de Santos está organizado leva ao aumento do estresse que, por sua vez, favorece o aparecimento de respostas de enfrentamento através do uso de álcool e outras drogas, além de colaborar também para o aumento de comportamentos violentos entre os TPAs.

O aumento de fiscalização pública e privada, após a lei de modernização dos portos, aparece como um fator que reduziu os atos violentos e o uso público de substâncias psicoativas. No entanto, apesar dessa evidente diminuição após processo de modernização, constatou-se a presença de agressões verbais e físicas no ambiente de trabalho. O estresse e o consumo de álcool e outras drogas parecem ser os principais desencadeadores de episódios de violência no trabalho. Já em menor escala, as mesmas variáveis surgem também como desencadeadoras de violência no ambiente familiar.

Ainda no que se refere à violência familiar, merece destaque a constatação que quatro participantes relataram episódios de violência contra a mulher. Tal achado, pioneiro na área da violência contra mulher no Brasil, aponta para a necessidade de pesquisas que venham investigar esse fenômeno entre trabalhadores portuários, ambiente predominantemente masculino, marcado por questões de gênero,

nas quais masculinidade, poder e força física são fatores marcantes e têm sido apontados como de risco para a violência contra a mulher (SAFFIOTI, 1997).

Como afirmam Minayo e Deslandes (1998), entendemos que o caminho mais correto para analisar eventos violentos entre pessoas sob efeito de álcool e outras drogas incluiria o esclarecimento dos motivos e intenções, conhecer as sequências e interações que redundaram em violência, bem como dados dos acontecimentos que precederam e sucederam o fato em questão. No entanto, nosso estudo não se lança ao desafio de descrever todas as variáveis relacionadas ao trabalho no porto e suas relações com estresse, drogas e violência. Entretanto, teve o objetivo de tornar mais claras as relações entre ambiente cultural, físico e comportamental ao qual o TPA está exposto.

Dessa forma, entende-se que a abordagem qualitativa visou uma aproximação do problema investigado, porém não garante a compreensão do fenômeno em profundidade (MINAYO & SANCHES, 1993). Dentre as limitações do estudo, entende-se que não é possível inferir uma relação de causalidade as variáveis propostas, ou seja, não seria possível afirmar que a organização do trabalho causa estresse, que por sua vez causa uso de substância e outros desdobramentos. Justamente pela característica de ser um estudo transversal e qualitativo, pode-se apenas sugerir a existência de uma relação entre essas variáveis. Também como limitação do estudo pode-se destacar que os TPAs com uso mais grave de substâncias psicoativas podem ser aqueles que se negaram a participar do estudo por motivos diversos como, por

exemplo, medo de serem expostos aos empregadores como usuários de substâncias psicoativas.

Porém, deve-se registrar que o presente estudo se apresenta como pioneiro e, portanto, o esforço de sua realização merece ser destacado. Entende-se que o número de participantes previamente identificados como usuários de risco (23% do total) revela por um lado a extensão do problema e, por outro, reafirma a relevância da presente investigação. A constatação do uso extensivo de álcool e outras drogas entre os TPAs e suas possíveis relações com a organização do trabalho exigem que essas relações sejam melhor investigadas e descritas em pesquisas futuras. Sugere-se também que pesquisas posteriores aprofundem o estudo sobre o tema proposto buscando maior conhecimento acerca da organização do trabalho, relações trabalhistas e dos impactos do trabalho nas relações familiares e na saúde mental dos próprios trabalhadores. Por fim, espera-se que as reflexões e as questões abertas no presente estudo favoreçam o desenvolvimento de novos achados que contribuam para a melhoria da saúde mental e qualidade de vida dessa população.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU-RODRIGUES, J.; CAMESHI, CE. Contingências Aversivas e Comportamento Emocional. Em Abreu-Rodrigues J; Ribeiro MR (Orgs.), *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação* (pp.113-137). Porto Alegre: Artmed, 2005.

AGUIAR, MAF; JUNQUEIRA, LAP; FREDDO, ACM. O Sindicato dos Estivadores do Porto de Santos e o processo de modernização portuária. *Rev. Adm. Pública* 40(6), 997-1017, 2006.

ALMEIDA, OMMS. A resposta neurofisiológica ao stress. In: Lipp, MEN. *Mecanismos neurofisiológicos do Stress: teoria e aplicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp 25-30, 2003.

ALMONDES KM, ARAÚJO JF. The impact of different shift work schedules on the levels of anxiety and stress in workers in a petrochemicals company. *Estudos de Psicologia*. Vol. 26, n1, p15-23, 2009.

American Psychiatric Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. DSM IV TR Arlington VA, APA Press, 2000.

ARAGÃO, JRNM de. *Modernização portuária: reflexos na saúde dos trabalhadores portuários avulsos no porto do Rio de Janeiro*. 176 p. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2002.

BENDASSOLLI, PF. Crítica às apropriações psicológicas do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 23 (1), 75-84, 2011.

BORTOLUZZI, MC; TRAEBERT, J; LOGUERCIO, A; KEHRIG, RT. Prevalência e perfil dos usuários de álcool de população adulta em cidade do sul do Brasil. *Ciência e saúde coletiva* 15 (3),679-685, 2010.

BOURGUIGNON DR, BORGES LH. A reestruturação produtiva nos portos e suas implicações sobre acidentes de trabalho em estivadores do Espírito Santo. *Cadernos Saúde Coletiva* 4(1), 63-80, 2006.

BRASIL. <http://www.previdenciasocial.gov.br/>. Consultado em 30/08/2011

BRASIL. Secretaria dos Portos. www.portodesantos.com.br. Consultado em 05/09/2011

BRASIL. Lei nº 8.630, de 25 de fevereiro de 1993. Dispõe sobre o regime jurídico da exploração dos portos organizados e das instalações portuárias e dá outras providências. (LEI DOS PORTOS). *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, DF.

CARLINI, EA; GALDURÓZ, JC; NOTO, AR; CARLINI, CM; OLIVEIRA, LG; NAPPO, AS; MOURA, YG; SANCHEZ, ZVDM. II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país - 2005. São Paulo: *Páginas & Letras*, v. 01. 472 p., 2007.

CARRILO LLP, MAURO MYC. O Trabalho como fator de risco ou fator de proteção para o consumo de álcool e outras drogas. *Texto & Contexto Enfermagem* abril-junho; 13(2): 217-25, 2004.

CATANIA, A. C. *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição* (Tradução Coord. D. G. Souza). Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

CHANLAT, J. Modos de gestão, saúde e segurança no trabalho. In E. Davel & J. Vasconcelos (Eds.), *“Recursos” humanos e subjetividade. Petrópolis*, pp. 208-229, RJ: Vozes, 1996.

CHALUB, M; TELLES, LEB. Álcool, drogas e crime. *Rev. Bras. Psiquiatr.* , 28 (suppl.2) s69-s73, 2006.

CHIAPETTI, N; SERBENA, CA. Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma Universidade de Curitiba. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2007.

CORTEZ, MB, PADOVANI, RC, WILLIAMS, LCA. Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudo de Psicologia*, 22,1, 13-21, 2005.

COSTA M, ACCIOLY HJ, OLIVEIRA J, MAIA E. Estresse: diagnóstico dos policiais militares em uma cidade brasileira. *Rev Panam Salud Publica*. 21(4):217–22, 2007.

DEJOURS C. Contribution de la psychopathologie del trabajo al estudio do alcoolismo. In Talleres gráficos Litodar (Ed.), *Trabajo y Desgaste Mental*. Buenos Aires: Editorial Humanitas, pp. 235-242, 1990.

DEJOURS C. *Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho*. Ed Atlas; 1994.

DIÉGUEZ CRMA. *De OGMO (Operário Gestor de Mão-de-Obra) para OGMO (Órgão Gestor de Mão-de-Obra): modernização e cultura do trabalho no Porto de Santos*. [dissertação]. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo; 2007.

FERRER M, CARBONELL X, SARRADO JJ, CEBRIÀ J, VIRGILI C, and CASTELLANA C. Distinguishing Male Juvenile Offenders through Personality Traits, Coping Strategies, Feelings of Guilt and Level of Anger. *The Spanish Journal of Psychology* ISSN 1138-7416. Vol. 13 No. 2, 751-764, 2010.

FERSTER, CB; CULBERTSON, S; BOREN, MCP. *Princípios do Comportamento*. Ed. Hucitec, São Paulo, 1978.

FILHO, NH; TEIXEIRA, MAP. Avaliação de motivos para uso de álcool uma revisão de literatura. *PSICO*. v. 42, n. 1, pp. 7-15, jan./mar. 2011.

FONSECA, AM; GALDUROZ, JCF; NOTO, AR; CARLINI, ELA. Comparison between two household surveys on psychotropic drug use in Brazil: 2001 and 2004. *Ciênc. saúde coletiva*, 15(3)663-670, 2010.

FONSECA, TM. Modos de trabalhar, modos de subjetivar em tempos de reestruturação produtiva. In T. M. Fonseca (Ed.), *Modos de trabalhar, modos de subjetivar*. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pp. 13-27, 2002.

GALDURÓZ JCF; NOTO AR; NAPPO SA; CARLINI ELA. First household survey on drug abuse in São Paulo, Brazil, 1999: principal findings. *Sao Paulo Med J*, 121(6) :231-237, 2003.

GALDURÓZ JCF; NOTO AR; NAPPO AS; CARLINI EA. Household survey on drug abuse in Brazil: Study involving the 107 major cities of the country – 2001. *Addict Behav*, 30: 545-556,2005.

GALDUROZ, JCF; CARLINI, EA. Use of alcohol among the inhabitants of the 107 largest cities in Brazil - 2001. *Braz J Med Biol Res* 40(3)367-375, 2007.

GARRETSEN HFL; RODENBURG G; Van De Goor LAM; Van Den Eijnden RJJM. Alcohol consumption in The Netherlands in the last decade: Sharp decreases in binge drinking, especially among youngsters. *Alcohol and Alcoholism*, 43 (4), 477-480, 2008.

GITAHY, MLC: *Ventos do Mar: Trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

GJERDE H, CHISTOPHERSEN AS, MOAN IS et al. Use of alcohol and drugs by Norwegian employees: a pilot study using questionnaires and analysis of oral fluid. *J OccupationalMedToxicol*; 5: 13. 2010

GOMES, JC; JUNQUEIRA, LAP. Cultura e transformação do trabalho no Porto de Santos. *Rev. Adm. Pública.*, 42, (6) 1095-1119. , 2008

GONÇALVES, A; NUNES, LAP. *O Grande Porto: A modernização no Porto de Santos*. Santos, SP: Realejo, 2008.

GRAHAM, K; BERNARDS, S; MUNNÉ, M; CAYETANO, C; KERR-CORRÊA, F and LIMA, MCP; Be: JARANO, J; ROMERO, MM; MEDINA-MORA, ME and VILLATORO, JV; ABURTO, JTC; FERRAND, MJP ; WILSNACK, S and MAGRI, R. Comparison of Partner Physical Aggression Across Ten Countries, in *Unhappy Hours: Alcohol and Partner Aggression in the Americas*. Washington, D.C.: PAHO, 2008.

GUIMARAES, VV et al. Consumo abusivo e dependência de álcool em população adulta no Estado de São Paulo, *Brasil. Rev. bras. Epidemiol.*, São Paulo, v. 13, n. 2, June 2010.

GUNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Psic.:Teor. E Pesq.* , vol.22(2) 201-209, 2006.

HARNOIS G.; GABRIEL P. *Mental health and work: Impact, issues and good practices*. Geneva: World Health Organization (WHO), 2000.

HARVEY SB, HENDERSON M, LELLIOTT P, HOTOPF M. Mental health and employment: much work still to be done. *Br J Psychiatry*. 194(3):201-3, 2009.

HASIN, DS; STINSON, FS; OGBURN, E; GRANT, BF. *Prevalence, Correlates, Disability, and Comorbidity of DSM-IV Alcohol Abuse and Dependence in the United States: Results From the National Epidemiologic Survey on Alcohol and Related Conditions*. *ArchGenPsychiatry*. Vol 64 (No. 7), 2007.

HAUCK F, N. & TEIXEIRA, M.A.P. Avaliação de motivos para uso de álcool: uma revisão de literatura. *PSICO*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil v. 42, n. 1, pp. 7-15, jan./mar. 2011.

HENRIQUE IFS, DE MICHELI D, LACERDA RB, LACERDA LA, FORMIGONI MLOS. Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). *Rev Assoc Med Brás*, 50(2), 199-206, 2004.

HUNZIKER, MHL & SAMELO, MJ. Controle Aversivo. Em Borges NB & Cassas FA et al. (orgs) *Clínica Analítico-Comportamental: aspectos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

JACQUES, MGC. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia&Sociedade*. v. 15, n. 1, jan. 2003.

KIM J.H., LEE S.; CHOW J.; LAU J.; TSANG A.; CHOI J.; GRIFFITHS SM. Prevalence and the factors associated with binge drinking, alcohol abuse, and alcohol dependence: A population-based study of chinese adults in Hong Kong. *Alcohol and Alcoholism*, 43 (3), 360-370, 2008.

LIMA ME. *Os equívocos da excelência: As novas formas de sedução na empresa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LIPP, MEN. Stress and Quality of Life of Senior Brazilian Police Officers. *The Spanish Journal of Psychology*. Vol. 12, No. 2, 593-603, 2009.

LIPP, MEN.; MALAGRIS, L. M. *Manejo do Estresse* In Range, B. (Org). Psicoterapia Comportamental e Cognitiva. São Paulo (SP): Psy, 1998.

LIPP, MEN. Estresse no Trabalho: Implicações para a Pessoa e para a Empresa. *Pedagogia Institucional*. Francisco Nunes Sobrinho (Org.). RJ: Zit Editora, pp. 214-236, 2005.

LIPP, MEN. *Inventário de sintomas do stress para adultos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LYSOVA AV, HINES DA. Binge drinking and violence against intimate partners in Russia. *Aggressive Behavior*.34(4):416-27, 2008.

LUPIEN SJ; LEPAGE M. Stress, memory, and the hippocampus: can't live with it, can't live without it. *BehavBrain Res*, 127(1-2), 137-158, 2001.

MACHIN R, COUTO MT, ROSSI CCS. Representações de Trabalhadores Portuários de Santos-SP sobre a relação Trabalho-Saúde. *Saúde Soc*. São Paulo, 18 (4), 639-651, 2009.

MARTINO V. Relationship between work stress and workplace violence in the health sector. *Workplace violence in the health sector. ILO/ICN/WHO/PSI*. Geneva, 2003.

MENDONÇA, SG; CARDOSO, PQ & TUCCI, AM (2011, setembro). *Processo de Modernização no Porto de Santos: implicações no uso de substâncias psicoativas*. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas, Recife, Brasil.

MINAYO MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec/Abrasco; 1992.

MINAYO, MCS e DESLANDES, SF. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Cad. Saúde Pública*, 14(1)35-42, 1998.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Doenças relacionadas ao trabalho: Manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília, DF: MS, 2001.

MUSAYON, Y; CAUFIELD, C. Drug consumption and violence in female work Zapallal - Lima/Peru. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 13(2)1185-1193, 2005.

NASCIMENTO, EC; NASCIMENTO, E; SILVA, JP. Uso de álcool e anfetaminas entre caminhoneiros de estrada. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 41, n. 2, Apr. 2007.

NORSTROM T and PAPE H. Alcohol, suppressed anger and violence. *Addiction*. Vol.105, p1580–1586, 2010.

OLIVEIRA, JB; LIMA, MCP; SIMÃO, MO; CAVARIANI, MB; TUCCI, AM; KERR-CORRÊA, F. Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Rev Panam Salud Publica* 26(6) 494-501, 2009.

OLIVEIRA RN. *O processo de privatização do Porto de Santos e o terceiro setor*. [dissertação]. Santos (SP): Universidade Católica de Santos, 2006.

PACÁK K; PALKOVITS M. Stressor Specificity of Central Neuroendocrine Responses: Implications for Stress-Related Disorders. *Endocr Reviews*, 22: 502-548, 2001.

PADOVANI, RC, WILLIAMS, LCA. Atendimento psicológico ao homem que agride sua parceira. Em: WIELENSKA, RC (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Desafios, soluções e questionamentos* (V.24) (pp.305-313). Santo André: ESETec, 2009.

PAIVA, CSDL; BORGES, LO. O ambiente de trabalho no setor bancário e o bem-estar. *Psicol. estud.* 14,(1)57-66, 2009.

QUEIROZ, MFF; MACHIN, R. *Processo de Modernização Portuária em Santos: implicações na saúde e no adoecimento dos trabalhadores* (Processo nº 473727/2008 0; Edital MTC/CNPq 14/2008). Santos, SP, Departamento de Saúde, Educação e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, 2011.

QURESHI AU, SHABBIR AA, HAFEEZ A, AHMAD TM. The effect of consecutive extended duty hours on the cognitive and behavioural performance of paediatric medicine residents. *Journal of Pakistan Medical Association*. Vol. 60, No. 8, p 644-9. 2010.

SAFFIOTI, H.I. Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. Em M. Kupstas (Org.). *Violência em debate* (pp.39-57). São Paulo: Moderna, 1997.

SANTOS, AFO; CARDOSO, CL. Profissionais de saúde mental: estresse e estressores ocupacionais stress e estressores ocupacionais em saúde mental. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 15, n. 2, June 2010 .

SARTI I. *Porto Vermelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCHEFFER M, PASA GG, ALMEIDA RMM. Atenção, ansiedade e raiva em dependentes químicos. *PSICO*. v. 40, n. 2, pp. 235-244, abr./jun. 2009

SELIGMANN-SILVA, E. Psicopatologia e psicodinâmica do trabalho. Em: MENDES, R. (Org.) *Patologia do trabalho*. São Paulo: Atheneu, 1995.

SIDMAN. *Coerção e suas implicações*. Campinas, SP: Psy, 1995.

SILVA AO, YONAMINE M. Drug abuse among workers in Brazilian regions. *Rev. Saúde Pública. Ago*; 38 (4): 552-5, 2004.

SILVA FT. *Operários sem patrões: Os trabalhadores da cidade de Santos no entre guerras*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SILVEIRA CM, SILVEIRA CC, SILVA JG, SILVEIRA LM, ANDRADE AG, ANDRADE LHS. Epidemiologia do beber pesado e beber pesado episódico no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Rev Psiquiatr Clín.* 35(Supl. 1):31–8, 2008.

SINCLAIR, D. Introdução à violência contra a mulher. Em: WILLIAMS, LCA, MAIA, JMD, RIOS, KSA (Org), *Aspectos Psicológicos da Violência: Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental* (pp.69-83).Santo André: ESETec, 2010.

SKINNER BF. *Ciência e Comportamento Humano.*; São Paulo: Ed. Martins Fontes (1953, 2003)

SKINNER, BF (1989/2005). *Questões recentes na análise comportamental*. São Paulo: Papyrus.

SOARES JFS, Cezar-Vaz MR, CARDOSO LS, SOARES MCF, ALMEIDA MCV. O risco do uso de drogas no trabalho portuário: estudo no extremo Sul do Brasil. *Esc Anna Nery Rev Enferm.*11 (4): 593-8, 2007.

SOARES, JFS et al. Percepção dos trabalhadores avulsos sobre os riscos ocupacionais no porto do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, June 2008 .

SPIELBERGER CD, BIAGGIO A. Manual do STAXI. São Paulo SP: Vetor, 1994

STREIN AS. *Curso de direito portuário: Lei n. 8630/93*. São Paulo: LTR Editora, 2002.

TITTONI, J. Saúde mental. In: Cattani A. (Org.) *Trabalho e tecnologia; dicionário crítico*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, p.215-19, 1997.

TUCCI, AM. *Fatores associados ao uso abusivo de substâncias psicoativas: história de abuso e negligência na infância, história familiar e co-morbidades psiquiátricas*. 221 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Departamento de Psicobiologia. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005.

TOMAZ, CRC. Episódios emocionais como interações entre operantes e respondentes. Em Borges NB & Cassas FA et al. (orgs) *Clínica Analítico-Comportamental: aspectos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TURATO, ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área de saúde definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev Saúde Pública*; 39(3): 507-14, 2005

VINSON DC, ARELLI V: State anger and the risk of injury: a case-control and case-crossover study. *Annals of Family Medicine*.4:63-68, 2006.

WHO. *Investing in mental health*. Department of Mental Health and Substance Dependence, Non-communicable Diseases and Mental Health. World Health Organization: Geneva, 2003.

WHO. Department of Mental Health and Substance Abuse Global Status Report on Alcohol 2004, World Health Organization, Geneva, Switzerland, 2004.

WHO. Work Organization & Stress: Systematic Problem Approaches for Employers, Managers and Union Representatives. World Health Organization. University of Nottingham: United Kingdom, 2004.

ZALESKI, M; PINSKY, I; LARANJEIRA, R; RAMISETTY-MIKLER, S; CAETANO, R. Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. *Rev.Saúde Pública*. 44(1)53-59, 2010.

ABSTRACT

Modernization process in Santos port and the implications for mental health workers: stress, psychotropic substance abuse and violence.

Significant changes in the workplace can significantly affect the relationship of the worker to his work. The demand for new behavioral patterns is pointed out by scholars of behavior analysis as a potentially aversive situation and that may favor emotional psychopathology responses as stress, anxiety and depression. They can also facilitate the substance abuse and violent behavior. The aim of this study was understand the implications of actual work organization – after the port modernization - in the mental health of temporary workers from the Port of Santos. The specific objectives were: 1) understand the relationship between stress and work organization and the process of modernization of the Port of Santos, 2) examine the relationship between the current organization of work and psychoactive substances use, 3) evaluate the relationship between stress and substance use among temporary dock work (TPAs), 4) analyze the relationship between stress and violence in family and work, and 5) understand the relationship between substance use and violence in family and work. We used Semi-Structured Interview, Stress Symptoms Inventory (ISS) and Anger Expression Inventory and State-Trait (STAXI). 17 respondents were classified as risk users for Alcohol by the Smoking and Substance Involvement Screening Test - ASSIST. For the analysis of semi-structured interviews were conducted exhaustive reading of each interview, the establishment of thematic categories, organizing and analyzing according to the themes and content of the categories of mutual comparison with literature. Ten participants had manifestations of stress. Ten participants showed higher rates than the national average on the subscales of the STAXI: anger out, anger in and anger expression. From the speech of TPAs was concluded that the organization of work seems to promote aversive contingencies that favor the use of alcohol and drugs as coping strategies. These data demonstrate the extensive use of alcohol and drugs among TPAs and their possible relationship with the organization of work. It can be inferred that the port modernization process, also marked by significant changes in interpersonal relations and labor, which favored aversive contingencies went into operation and the use/abuse of alcohol and drugs present themselves as coping strategies. In addition to also encourage the emergence of violent responses. It is hoped that the reflections and open questions in this study favored the development of new research that will facilitate the improvement of quality of life of this population.

ANEXO 1



Universidade Federal de São Paulo
Escola Paulista de Medicina

Comitê de Ética em Pesquisa
Hospital São Paulo

São Paulo, 3 de Setembro de 2010.
CEP 1268/10

Ilmo(a). Sr(a).
Pesquisador(a) PEDRO QUARESMA CARDOSO
Co-Investigadores: Ricardo da Costa Padovani (co-orientador); Adriana Marcassa Tucci (orientadora)
Disciplina/Departamento: BIOCIÊNCIAS/CIÊNCIAS DA SAÚDE/BAIXADA SANTISTA da Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo
Patrocinador: CAPES.

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA INSTITUCIONAL

Ref: Projeto de pesquisa intitulado: "Processo de modernização portuária em Santos e as implicações na Saúde Mental dos trabalhadores: estresse, uso abusivo de substâncias psicotrópicas e violência".

CARACTERÍSTICA PRINCIPAL DO ESTUDO: Estudo metodológico de natureza qualitativa e quantitativa.

RISCOS ADICIONAIS PARA O PACIENTE: Sem risco, nenhum procedimento invasivo.

OBJETIVOS: Analisar as implicações da modernização portuária da cidade de Santos na saúde mental dos trabalhadores avulsos..

RESUMO: Serão entrevistados 20 trabalhadores portuários avulsos (TAPs) de diferentes segmentos profissionais garantindo assim um universo representativo das categorias envolvidas. Que trabalhem há no mínimo 10 anos e tenham feito uso abusivo de substâncias psicoativas nos últimos 3 meses. A coleta de dados será realizada em uma única sessão sendo os instrumentos aplicados na seguinte ordem: roteiro de entrevista semi-estruturada, Inventário de Sintomas de Stress e Inventário de Expressão de Raiva como Estado de Traço. As entrevistas serão analisadas considerando; leitura exaustiva de cada entrevista, estabelecimento de categorias temáticas, organização e análise do material segundo as categorias temáticas e cotejamento dos conteúdos das categorias com a literatura existente sobre a temática e com as referências teóricas que norteiam a pesquisa..

FUNDAMENTOS E RACIONAL: Os resultados do estudo podem contribuir para o entendimento da complexa relação entre estresse, violência, uso de substâncias psicoativas e as questões implícitas na organização do trabalho portuário de Santos.

MATERIAL E MÉTODO: Descritos os procedimentos.

TCLE: Apresentado adequadamente.

DETALHAMENTO FINANCEIRO: CAPES.

CRONOGRAMA: 18 Meses.

OBJETIVO ACADÊMICO: Mestrado.

ENTREGA DE RELATÓRIOS PARCIAIS AO CEP PREVISTOS PARA: 29/08/11 e 28/08/12.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo **ANALISOU e APROVOU** o projeto de pesquisa referenciado.

1. Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e termo de consentimento livre e esclarecido. Nestas circunstâncias a inclusão de pacientes deve ser temporariamente interrompida até a resposta do Comitê, após análise das mudanças propostas.
2. Comunicar imediatamente ao Comitê qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo.
3. Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos para possível auditoria dos órgãos competentes.

Atenciosamente,



Prof. Dr. José Osmar Medina Pestana
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da
Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo

12/06/10

ANEXO 2

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROJETO: Processo de modernização portuária em Santos e as implicações na saúde mental dos trabalhadores: estresse, uso abusivo de substâncias psicoativas e violência

Você está recebendo nesse momento informações sobre a pesquisa “Processo de modernização portuária em Santos e as implicações na saúde mental dos trabalhadores: estresse, uso abusivo de substâncias psicoativas e violência”. O objetivo deste estudo é analisar as implicações da modernização portuária na saúde mental dos trabalhadores e mais especificamente analisar as relações entre estresse, uso abusivo de substâncias psicoativas e violência.

Solicito autorização para entrevistar e gravar depoimentos a serem utilizados nesse estudo. A duração estimada da entrevista é de 60 minutos. É composta por testes psicológicos e por questões relativas à saúde mental, abuso substâncias psicoativas e violência.

Sua participação neste estudo é voluntária e, mesmo que decida participar, você tem plena liberdade para solicitar a qualquer momento a interrupção da entrevista ou retirar seu consentimento. Você pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar do estudo, assim como a qualquer momento durante a nossa conversa.

Seu nome será mantido em segredo e as informações que você nos fornecerá não serão identificadas como suas. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros trabalhadores, não sendo divulgada a identificação de nenhum trabalhador. Os registros, entretanto, estarão disponíveis para uso da pesquisa e para a produção de artigos científicos. Você será mantido atualizado sobre os resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

O estudo não apresenta riscos para os participantes. Não há benefício direto para o participante. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é a profa. Dra. Adriana Marcassa Tucci, pode ser encontrado na UNIFESP – Campus Baixada Santista – Secretaria de Pós-Graduação Interdisciplinar em Saúde - Endereço: Av. Ana Costa, 95 – Santos - tels.: (13) 3232-2569 (Ramal 5332) e (13) 3221-8058

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572, cj.14, São Paulo/SP tel. 11.5576.4564.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Processo de modernização portuária

ANEXO 3

Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

O Trabalho	<ul style="list-style-type: none">• Forma de organizar o trabalho, rotina, tempo livre de cada categoria;• Mudou a rotina depois da implantação da nova lei?• Satisfação pessoal e realização financeira;• Exigências e responsabilidades;• Desempenho, dedicação e esforço físico X rotina e vida familiar;• Sentimentos do trabalhador (frustrações, impotência, alegrias etc).• Sobrecarga e acidentes de trabalho;• Episódio marcante no trabalho.
Estresse (Sobrecarga)	<ul style="list-style-type: none">• De que maneira os esforços do trabalho podem prejudicar a saúde;• Como utiliza seu tempo livre (desligamento total do trabalho, formas de lazer);• Cansaço físico e mental devido ao trabalho;• Práticas diárias de saúde (alimentação, exercícios físicos, lazer etc);• A sobrecarga pode gerar violência?• Episódio marcante sobre sobrecarga
Abuso de substâncias	<ul style="list-style-type: none">• Hábitos relacionados à bebida, fumo e outras drogas.• Sobrecarga aumenta o consumo de drogas• Há trabalho sob efeito de drogas?• Qual o efeito esperado das drogas sobre o desempenho no trabalho;• É comum aliviar a tensão do trabalho consumindo álcool ou drogas?• Última vez que abusou de álcool/drogas• Episódio marcante sobre abuso de substâncias
Violência	<ul style="list-style-type: none">• Relações entre trabalhadores e entre trabalhadores e chefes;• Considera comum entre seus colegas ficar nervoso a ponto de gritar com alguém no trabalho e/ou em casa?• É comum haver brigas (de natureza física) no ambiente trabalho?

	<ul style="list-style-type: none">• Em caso afirmativo, como você sente diante de situações de violência?• Você se considera uma pessoa nervosa?• Você tem dificuldade de controlar sua raiva?• O que normalmente já faz que lhe ajuda a se controlar?• Quando nervoso, você já xingou ou ameaçou sua parceira? E fisicamente, houve algum episódio?• Em caso afirmativo, o que aconteceu? Empurrão, tapa, atirou objetos, murro, chute ou outro?• Em caso afirmativo, já houve algum episódio no qual você havia ingerido bebida alcoólica posteriormente• Em caso afirmativo, o que costuma fazer após tais episódios?• Qual foi o episódio mais marcante? Quando ocorreu?
--	--